PALESTRAS E RESPOSTAS A PERGUNTAS

POR

KRISHNAMURTI

ADYAR - INDIA 1933-34

1942

INSTITUIÇÃO CULTURAL KRISHNAMURTI
Av. Rio Branco 117-2.º Andar, Sala 203
RIO DE JANEIRO — BRASIL

Palestras e Respostas a Perguntas

em Adyar – Índia 1933-34

Jiddu Krishnamurti

Índice

Traduzido do título original

Collected Works #1 – The Art Of Listening

Public Talks in Adyar

Agradecimentos a quem se dedicou a fazer a tradução deste conteúdo

Primeira Palestra

(29 de dezembro de 1933)

O Sr. Warrington, presidente interino da Sociedade Teosófica, amavelmente me convidou a vir a Adyar e dar algumas palestras aqui. Estou muito satisfeito de haver aceito o seu convite e aprecio a sua amizade, que espero continuará, muito embora possamos divergir completamente nas nossas ideias e opiniões. Espero que todos ouçam as minhas palestras sem preconceito, e não pensem que estou tentando atacar a sua sociedade. Quero fazer outra coisa muito diferente. Quero estimular o desejo da verdadeira busca, e isto, penso eu, é tudo o que um professor pode fazer. É tudo o que quero fazer. Se eu puder despertar esse desejo em vocês, terei cumprido a minha tarefa, porque desse desejo chega a inteligência, aquela inteligência que está livre de qualquer sistema e de qualquer crença organizada. Essa inteligência está para além de qualquer pensamento de compromisso e falso ajustamento.

Portanto, durante estas palestras, aqueles entre vocês que pertençam às várias sociedades ou grupos, por favor tenham em mente que estou muito grato à Sociedade Teosófica e ao seu Presidente Interino por me terem pedido para vir aqui falar, e que não estou atacando a Sociedade Teo-

sófica. Não estou interessado em atacar. Mas afirmo que, embora as organizações para o bem-estar social do homem sejam necessárias, as sociedades baseadas em esperanças e crenças religiosas são perniciosas. Ainda que possa parecer que falo de modo áspero, por favor lembrem-se que não estou atacando qualquer sociedade em particular, mas que estou contra todas essas falsas organizações que, embora professem ajudar o homem, são na realidade um grande obstáculo e são um meio de exploração constante. Quando a mente está cheia de crenças, ideias, e conclusões definitivas a que chama conhecimento e que se torna sagrado, então o movimento infinito do pensamento cessa. É o que está acontecendo à maioria das mentes. Aquilo a que chamamos conhecimento é apenas acumulação; impede o livre movimento do pensamento, no entanto mantemo-nos fiéis a ele e adoramos esse pretenso conhecimento. Assim, a mente fica enredada, emaranhada nele. É somente quando a mente é libertada de toda essa acumulação, das crenças, dos ideais, dos princípios, das memórias, que existe o pensamento criativo. Não podem pôr de parte cegamente a acumulação; só podem ficar livres dela quando a compreenderem. Então há pensamento criativo; então há movimento eterno. A mente já não está separada da ação.

Ora, as crenças, os ideais, as virtudes, e as ideias santificadas que perseguem, e às quais chamam conhecimento, impedem o pensamento criativo e põem assim termo ao amadurecimento do pensamento. Porque pensamento não significa o seguimento de um canal específico de ideias, hábitos e tradições estabelecidos. O pensamento é crítico; é uma coisa à parte do conhecimento herdado ou adquirido. Quando apenas aceitam ideias, tradições, não estão pensando, e há uma lenta estagnação. Vocês dizem-me "Temos crenças, temos tradições, temos princípios; não estarão corretos? Devemos livrar-nos deles?" Não vou dizer que devem se livrar deles ou que não devem. De fato, é precisamente a sua prontidão em aceitar a ideia de que devem ou não se livrar dessas crenças e tradições que os im-

pede de pensar; estão já num estado de aceitação, e por conseguinte não têm a capacidade de ser críticos.

Estou falando com indivíduos, não com organizações ou grupos de indivíduos. Falo-lhes como indivíduos, não para um grupo de pessoas possuindo certas crenças. Se a minha palestra tiver algum valor para vocês, tentem pensar por si mesmos, não com a consciência de grupo. Não pensem com os princípios com os quais já se comprometeram, porque eles são apenas formas sutis de conforto. Dizem "Pertenço a certa sociedade, a certo grupo. Fiz certas promessas a esse grupo e aceitei dele certos benefícios. Como posso pensar separadamente dessas condições e promessas? Que devo fazer?" Eu digo: não pensem em termos de compromissos, porque eles nos impedem de pensar criativamente. Onde existe a mera aceitação não pode haver pensamento criativo, livre e fluente que por si só é inteligência suprema, que por si só é felicidade. O pretenso conhecimento que adoramos, que nos empenhamos em obter lendo livros, impede o pensamento criativo. Mas porque eu digo que tal conhecimento e que tal leitura impedem o pensamento criativo, não se voltem imediatamente para o oposto. Não digam: "Não devemos ler de todo?" Estou falando dessas coisas porque lhes quero mostrar o seu significado inerente; não os quero impelir para o oposto. Agora, se a sua atitude for de aceitação, vivem com medo da crítica, e quando surge a dúvida, como tem que surgir, vocês cuidadosa e diligentemente destroem-na. Contudo, é somente através da dúvida, através da crítica, que se podem realizar; e o objetivo da vida é realizar, não acumular, não alcançar, como presentemente explicarei. A vida é um processo de busca, não de buscar um fim específico, mas de libertar a energia criativa, a inteligência criativa do homem; é um processo de movimento eterno, livre de crenças, de conjuntos de ideias, de dogmas, ou do pretenso conhecimento.

Portanto, quando falo de crítica, por favor não sejam partidários. Eu não pertenço às suas sociedades; não detenho as suas opiniões e ideais.

Estamos aqui para examinar, não para tomar partido. Por isso, por favor, acompanhem o que vou dizer com espírito aberto, e tomem partido – se tiverem que tomar partido – após estas palestras estarem concluídas.

Por que tomam partido? Pertencer a um grupo específico transmite-lhes uma ideia de conforto, de segurança. Pensam que, porque detêm certas ideias ou princípios, desse modo amadurecerão. Mas, no presente, tentem não tomar partido. Tentem não ser influenciados pelo grupo específico a que agora pertencem, e não tentem também tomar o meu partido. Tudo o que têm a fazer durante estas palestras é examinar, ser críticos, duvidar, descobrir, procurar, aprofundar os problemas à sua frente. Vocês estão habituados à oposição, não à crítica. Quando digo "vocês", por favor não pensem que estou falando com uma atitude de superioridade. Dizia que não estão habituados à crítica, e através dessa falta de crítica esperam desenvolver-se espiritualmente. Pensam que através dessa destruição da dúvida, livrando-se da dúvida, avançarão, porque ela foi colocada perante vocês como uma das qualidades necessárias para o progresso espiritual; e são desse modo explorados. Mas na vossa cuidadosa destruição da dúvida, no fato de terem posto de parte a crítica, apenas desenvolveram oposição.

Vocês dizem "As escrituras são a minha autoridade para isto", ou "Os professores disseram isso", ou "Eu li isto". Por outras palavras, mantêm-se fiéis a certas crenças, a certos dogmas, a certos princípios com os quais se opõem a qualquer situação nova e contraditória, e imaginam que estão pensando, que são críticos, criativos. A sua posição é como a de um partido político que age apenas em oposição. Se forem verdadeiramente críticos, criativos, jamais simplesmente se oporão; estarão então preocupados com realidades. Mas se a sua atitude for apenas de oposição, então a sua mente não se encontrará com a minha; então não compreenderão o que estou tentando transmitir. Portanto, quando a mente está habituada à oposição, quando foi cuidadosamente treinada, através da suposta educação, através da tradição e da crença, através de sistemas religiosos e filosófi-

cos, para adquirir essa atitude de oposição, ela naturalmente não tem a capacidade de criticar e de duvidar verdadeiramente. Mas se me quiserem compreender, esta é a primeira coisa que devem ter.

Por favor, não fechem as suas mentes àquilo que estou dizendo. A crítica verdadeira é o desejo de descobrir. A faculdade de criticar só existe quando querem descobrir o valor inerente de uma coisa. Mas vocês não estão habituados a isso. As suas mentes são inteligentemente treinadas para atribuir valores, mas por esse processo nunca compreenderão o significado inerente de uma coisa, de uma experiência ou de uma ideia.

Para mim, a verdadeira crítica consiste em tentar descobrir o valor intrínseco da coisa em si, e não em atribuir uma qualidade a essa coisa. Vocês atribuem uma qualidade a um meio, a uma experiência, somente quando querem obter algo deles, quando querem ganhar ou ter poder ou felicidade. Ora, isso destrói a verdadeira crítica. O seu desejo é pervertido através da atribuição de valores, e por conseguinte não podem ver claramente. Em vez de tentar ver a flor na sua beleza original e completa, vocês olham para ela através de vidros coloridos, e por isso nunca a podem ver como ela é. Se querem viver, desfrutar, apreciar a imensidade da vida, se realmente querem compreendê-la, e não apenas repetir, como um papagaio, o que lhes foi ensinado, o que lhes foi repetido inúmeras vezes, então a sua primeira tarefa é retirar as perversões que os enredam. E garanto-lhes que essa é uma das tarefas mais difíceis, porque essas perversões fazem parte da sua formação, fazem parte da sua educação em crianças, e é muito difícil desligarem-se delas. A atitude crítica requer ausência da ideia de oposição. Por exemplo, vocês dizem-me “Nós acreditamos em Mestres; você não. O que tem a dizer a isto?” Ora, essa não é uma atitude crítica; é, mas, por favor, não pensem que estou falando rudemente, uma atitude infantil. Estamos discutindo se certas ideias são em si fundamentalmente verdadeiras, não se ganharam algo com essas ideias; porque o que ganharam podem ser apenas perversões, preconceitos.

O meu objetivo durante esta série de palestras é despertar a sua própria capacidade crítica, para que os professores se tornem desnecessários para vocês, para que não sintam a necessidade de conferências, de sermões, para que compreendam por vocês próprios o que é verdade e vivam completamente. O mundo será um lugar mais feliz quando não houver mais professores, quando um homem já não sentir que tem que pregar ao seu próximo. Mas esse estado só pode acontecer quando vocês, como indivíduos, estiverem realmente despertos, quando duvidarem enormemente, quando tiverem verdadeiramente começado a questionar no meio do sofrimento. Então deixam de sofrer. Sufocaram as suas mentes com explicações, com conhecimento; endureceram os seus corações. Não estão interessados no sentimento, mas sim nas crenças, nas ideias, na santidade do pretenso conhecimento, e por isso estão famintos; já não são seres humanos, mas meras máquinas.

Vejo que abanam as cabeças. Se não concordam comigo, façam-me perguntas amanhã. Escrevam as suas perguntas e entreguem-nas, e eu responderei. Mas esta manhã vou falar, e espero que acompanhem o que tenho para dizer. Não há lugar de descanso na vida. O pensamento não pode ter lugar de descanso. Mas vocês estão à procura desse tal lugar de descanso. Nas suas várias crenças, religiões, procuraram esse lugar de descanso, e nessa procura deixaram de ser críticos, de fluir com a vida, de desfrutar, de viver amplamente. Conforme disse, a verdadeira procura – que é diferente da procura de um objetivo, ou da procura de ajuda, ou da persecução de ganho –, a verdadeira procura resulta na compreensão do valor intrínseco da experiência. A verdadeira procura é um rio que se move veloz, e nesse movimento há compreensão, um eterno devir. Mas a procura de orientação resulta apenas num alívio temporário, que significa a multiplicação de problemas e um aumento das suas soluções.

Ora, o que procuram? Qual destas querem? Querem procurar, descobrir, ou querem encontrar ajuda, orientação? A maioria de vocês quer aju-

da, alívio temporário do sofrimento; querem curar os sintomas mais do que encontrar a causa do sofrimento. "Estou sofrendo", dizem vocês, "dê-me um método que me liberte do sofrimento". Ou dizem "O mundo está numa situação caótica. Deem-nos um sistema que resolva os seus problemas, que produza ordem". Assim, a maior parte de vocês procuram alívio temporário, refúgio temporário, e contudo chamam a isso a procura da verdade. Quando falam de serviço, de compreensão, de sabedoria, estão pensando apenas em termos de conforto. Enquanto apenas quiserem aliviar o conflito, a luta, o desentendimento, o caos, o sofrimento, são como um médico que lida apenas com os sintomas da doença. Enquanto estiverem apenas interessados em encontrar conforto, não estão realmente à procura.

Agora vamos ser bastante francos. Podem ir longe, se forem realmente francos. Vamos admitir que tudo o que estão procurando é segurança, alívio; estão procurando segurança da mudança constante, alívio da dor. Porque são insuficientes, dizem "Por favor, dê-me suficiência". Portanto, aquilo a que chamam procura da verdade é realmente uma tentativa para encontrar alívio da dor, o que nada tem a ver com a realidade. Em coisas tais, somos como crianças. Em tempo de perigo corremos para a nossa mãe, sendo essa mãe a crença, o guru, a religião, a tradição, o hábito. Aqui nos refugiamos, e por isso as nossas vidas são vidas de imitação constante, sempre sem um momento de valiosa compreensão. Depois podem concordar com as minhas palavras, dizendo "Tem toda a razão; não procuramos a verdade, mas alívio, e esse alívio é satisfatório de momento". Se estão satisfeitos com isto, nada mais há a dizer. Se tiverem essa atitude, o melhor é não dizer mais nada. Mas, graças a Deus, nem todos os seres humanos têm essa atitude. Nem todos alcançaram o estado de estar satisfeitos com as suas próprias pequenas experiências a que chamam conhecimento, e que é estagnação. Ora, quando dizem "Estou à procura", dão a entender que estão à procura do desconhecido. Desejam o desconhecido, e esse é o

objeto da vossa busca. Porque o conhecido é para vocês aterrador, insatisfatório, inútil, carregado de dor, querem descobrir o desconhecido, e por isso inquirem “O que é a verdade? O que é Deus?”. Daqui surge a pergunta “Quem me ajuda a alcançar a verdade?” Precisamente nessa tentativa de encontrar a verdade ou Deus criam gurus, professores, que se tornam os vossos exploradores.

Por favor, não se ofendam com as minhas palavras, não fiquem com ideias preconcebidas contra o que estou dizendo, e não pensem que faço isto por não ter nada melhor para fazer. Estou apenas mostrando-lhes a causa de serem explorados, que é a sua procura de uma meta, de um fim; e quando compreenderem a falsidade da causa, essa compreensão libertá-los-á. Não lhes estou pedindo que sigam os meus ensinamentos, porque se desejarem compreender a verdade devem permanecer completamente sozinhos.

Qual é uma das coisas mais importantes em que estão interessados na sua procura do desconhecido? “Diga-me o que está no outro lado”, dizem vocês, “diga-me o que acontece a uma pessoa depois da morte”. À resposta a tais perguntas vocês chamam conhecimento. Portanto, quando se interrogam sobre o desconhecido, encontram uma pessoa que lhes oferece uma explicação satisfatória sobre isso, e refugiam-se nessa pessoa ou na ideia que ela lhes dá. Por esse motivo, essa pessoa ou essa ideia tornam-se o seu explorador, e vocês próprios são responsáveis por essa exploração, não o homem ou a ideia que os explora. De tal interrogação sobre o desconhecido nasce a ideia de um guru que os conduzirá à verdade. De tal interrogação chega a confusão sobre o que é a verdade, porque, na sua procura do desconhecido, cada professor, cada guia, oferece-lhes uma explicação sobre o que é a verdade, e essa explicação naturalmente depende dos seus próprios preconceitos e ideias; mas através desse ensinamento vocês esperam aprender o que é a verdade. A sua procura do desconhecido é apenas uma fuga. Quando conhecerem a causa real, quando compreenderem o co-

nhecido, não se interrogarão sobre o desconhecido. A procura da verdade e a diversidade de ideias sobre a verdade não produzirá compreensão. Vocês dizem para si próprios "Vou ouvir este professor, depois ouvirei outra pessoa, depois outra; e aprenderei de cada um os vários aspectos da verdade". Mas por esse processo nunca compreenderão. Tudo o que fazem é fugir; tentam encontrar aquilo que lhes dê maior satisfação, e àquele que lhes der mais apreciá-lo-ão como o vosso guru, como o vosso ideal, como a vossa meta. Portanto, a vossa procura da verdade terminou.

Agora não pensem que o fato de eu lhes mostrar a futilidade dessa procura é apenas engenho da minha parte: estou explicando-lhes a razão da exploração que está ocorrendo em todo o mundo em nome da religião, em nome do governo, em nome da verdade. O desconhecido não lhes diz respeito. Tenham cuidado com o homem que lhes descreve o desconhecido, a verdade, ou Deus. Tal descrição do desconhecido oferece-lhes um meio de fuga, e, além disso, a verdade desafia qualquer descrição. Nessa fuga não há compreensão, não há realização. Na fuga só existe rotina e decadência. A verdade não pode ser explicada nem descrita. Ela é. Afirmo que existe uma beleza que não pode ser posta em palavras; se o fosse, seria destruída; então já não seria a verdade. Mas vocês não podem conhecer essa beleza, essa verdade, perguntando sobre ela; só podem conhecê-la quando tiverem compreendido o conhecido, quando tiverem alcançado o significado total disso que está perante vocês. Portanto, estão constantemente procurando fugas, e dignificam essas tentativas de fuga com variados nomes espirituais, com palavras altamente e imponentemente sonantes; essas fugas satisfazem-nos temporariamente, isto é, até que a próxima tempestade de sofrimento chegue e arrase o seu refúgio.

Vamos, por agora, pôr de lado esse desconhecido, e preocupar-nos com o conhecido. Ponham de lado, por agora, as suas crenças, a sua escravidão das tradições, a sua dependência no seu Bhagavad Gita, nas suas escrituras, nos seus Mestres. Não estou atacando as suas crenças favoritas,

as suas sociedades favoritas; estou dizendo-lhes que, se quiserem compreender a verdade do que digo, têm que tentar escutar sem ideias preconcebidas. Através dos nossos variados sistemas de educação – que podem ser a formação universitária, ou o seguimento de um guru, ou a dependência do passado na forma de tradição e de hábito, que cria a incompletude do presente – através desses sistemas de educação temos sido encorajados a obter, a adorar o sucesso. Todo o nosso sistema de pensamento, bem como toda a nossa estrutura social, está baseada na ideia de obtenção. Olhamos para o passado porque não podemos compreender o presente. Para compreender o presente, que é experiência, a mente tem que estar aliviada das tradições e dos hábitos passados. Enquanto o peso do passado nos dominar, não podemos compreender, não podemos colher integralmente o perfume de uma experiência. Portanto, tem que haver incompletude enquanto houver a procura de obtenção. Que todo o nosso sistema de pensamento está baseado na obtenção não é uma mera suposição hipotética da minha parte; é um fato. E a ideia central da nossa estrutura social é também uma de obtenção, de consecução, de sucesso. Mas porque eu disse que a sua procura dessa ideia de obtenção não resultará no viver completo, não pensem por isso em termos de oposto. Não digam “Não devemos procurar? Não devemos obter? Não devemos ter sucesso?” Isto demonstra pensamento limitado. O que quero que façam é questionar a ideia de obtenção.

Conforme disse, toda a estrutura social, econômica e pseudo-espiritual do nosso mundo está baseada nessa ideia central de lucro: lucro da experiência, lucro da vida, lucro dos professores. E dessa ideia de lucro gradualmente cultivam em si próprios a ideia de medo, porque na sua procura de lucro estão sempre com medo da perda. Portanto, tendo esse medo da perda, esse medo de perder uma oportunidade, criam o explorador, seja ele o homem que os guia moralmente, espiritualmente, ou uma ideia à qual se apegam. Têm medo e querem coragem; por isso a coragem se torna no seu explorador. Uma ideia torna-se o seu explorador. A sua tentativa de conse-

cução, de lucro, é apenas uma fuga, uma fuga da insegurança. Quando falam de ganho estão pensando em segurança; e, após estabelecerem a ideia de segurança, querem encontrar um método de obter e manter essa segurança. Não é assim? Se tiverem em consideração a sua vida, se a examinarem criticamente, descobrirão que ela se baseia no medo. Estão sempre cuidando de ganhar; e, depois de procurarem e encontrarem as suas seguranças, após constituí-las como os vossos ideais, voltam-se para alguém que lhes oferece um método, um plano, para alcançar e proteger os vossos ideais. Por isso dizem: “Para alcançar essa segurança, tenho que me comportar de certa maneira; tenho de procurar a virtude, tenho que servir e obedecer, tenho que seguir gurus, professores e sistemas; tenho que estudar e praticar para obter o que quero”. Por outras palavras, uma vez que o seu desejo é segurança, encontram exploradores que os ajudarão a obter o que querem.

Portanto, vocês, como indivíduos, constituem religiões para servir de seguranças, para servir de padrões para a conduta convencional; devido ao medo da perda, o medo de perder algo que querem, aceitam guias ou ideias como os que as religiões oferecem. Ora, tendo constituído os seus ideais religiosos, que são na verdade as suas seguranças, têm que ter modos de conduta, práticas, cerimoniais e crenças específicas, para alcançar esses ideais. Ao tentar levá-los a cabo, aí surge a divisão no pensamento religioso, resultando em cisões, seitas, credos. Vocês têm as suas crenças, e outros têm as deles; vocês mantêm-se fiéis à sua forma específica de religião e outros à deles; vocês são Cristãos, outros são Muçulmanos, e outros ainda Hindus. Têm essas dissensões e distinções religiosas, mas contudo falam de amor fraternal, tolerância e unidade – não que tenha que haver uniformidade de pensamento e ideias. A tolerância de que falam é apenas uma invenção engenhosa da mente; essa tolerância apenas indica o desejo de se apegarem às suas próprias idiossincrasias, às suas próprias ideias limitadas e preconceitos, e de permitirem que os outros procurem as deles.

Nessa tolerância não há diversidade inteligente, mas somente uma espécie de indiferença superior. Existe absoluta falsidade nessa tolerância. Dizem: "Vocês continuem no seu caminho, e eu continuarei no meu; mas sejamos tolerantes, fraternais". Quando houver verdadeira fraternidade, amizade, quando houver amor no seu coração, então não falarão de tolerância. Somente quando se sentem superiores na sua certeza, na sua posição, no seu conhecimento, somente então falam de tolerância. São tolerantes somente quando há distinção. Com o cessar da distinção, não se falará de tolerância. Nessa altura não falarão de fraternidade, porque então nos seus corações serão irmãos. Sendo assim, vocês, como indivíduos, constituem várias religiões que atuam como a sua segurança. Nenhum professor constituiu essas religiões organizadas, exploradoras. Vocês próprios, a partir da sua insegurança, a partir da sua confusão, a partir da sua falta de compreensão, criaram as religiões como seus guias. Depois, após terem constituído religiões, procuram gurus, professores; procuram Mestres que os ajudem. Não pensem que estou tentando atacar a sua crença favorita; estou simplesmente constatando fatos, não para que os aceitem, mas para que os examinem, os critiquem e os verifiquem. Vocês têm o seu Mestre, e outros têm o seu guia particular; vocês têm o seu salvador e outros têm o deles. De tal divisão de pensamento e crença cresce a contradição e o conflito dos méritos dos vários sistemas. Essas disputas colocam o homem contra o homem; mas, uma vez que intelectualizamos a vida, já não lutamos abertamente: tentamos ser tolerantes.

Por favor, pensem no que estou dizendo. Não aceitem ou rejeitem as minhas palavras simplesmente. Para examinar imparcialmente, criticamente, têm que pôr de lado os seus preconceitos e idiossincrasias, e abordar a questão abertamente. Em todo o mundo, as religiões mantiveram os homens separados. Individualmente, cada um procura a sua própria pequena segurança e está interessado no seu próprio progresso; individualmente, cada um deseja crescer, expandir-se, ser bem sucedido, alcançar, e portan-

to aceita qualquer professor que se ofereça para ajudá-lo na direção do seu avanço e crescimento. Como resultado dessa atitude de aceitação, a crítica e o verdadeiro questionamento cessaram. Implantou-se a estagnação. Se bem que se movam ao longo de um estreito sulco de pensamento e de vida, já não há pensamento verdadeiro, já não há o viver completo, mas somente uma reação defensiva. Enquanto a religião mantiver os homens separados não pode haver fraternidade, assim como não pode haver fraternidade enquanto houver nacionalidade, que sempre terá que causar conflito entre os homens. A religião, com as suas crenças, as suas disciplinas, os seus engodos, as suas esperanças, os seus castigos, força-os em direção ao comportamento correto, à fraternidade, ao amor. E uma vez que são forçados, ou obedecem à autoridade externa que ela estabelece, ou – que é a mesma coisa – começam a desenvolver a sua própria autoridade interna como uma reação contra a externa, e seguem-na. Onde existe crença, onde existe a persecução de um ideal, não pode existir um viver completo. A crença indica a incapacidade de compreender o presente.

Agora, não se voltem para o oposto e não digam "Não devemos ter crenças? Não devemos ter quaisquer ideais?" Estou simplesmente mostrando-lhes a causa e a natureza da crença. Porque não podem compreender o movimento imediato da vida, porque não podem colher o significado da sua veloz fluidez, pensam que a crença é necessária. Na vossa dependência da tradição, nos ideais, nas crenças ou nos Mestres, não estão vivendo no presente, que é eterno. Muitos de vocês podem pensar que o que estou dizendo é muito negativo. Não o é, porque quando realmente virem o falso então compreendem o verdadeiro. Tudo o que estou tentando fazer é mostrar-lhes o falso, para que possam encontrar o verdadeiro. Isto não é uma negação. Pelo contrário, este despertar da inteligência criativa é a única ajuda positiva que lhes posso dar. Mas podem pensar que isso não é positivo; provavelmente só me chamariam positivo se lhes desse uma disciplina, um curso de ação, um novo sistema de pensamento. Mas não po-

demos avançar mais nisto hoje. Se colocarem questões sobre isso amanhã ou nos próximos dias, tentarei respondê-las. Os indivíduos criaram a sociedade agrupando-se com objetivos de obtenção, mas isso não ocasiona a verdadeira unidade. Essa sociedade torna-se a sua prisão, o seu molde, e contudo cada indivíduo que ser livre para crescer, para ser bem sucedido. Assim, cada um torna-se um explorador da sociedade e é, por sua vez, explorado pela sociedade. A sociedade torna-se o cume dos seus desejos, e o governo o instrumento para levar a cabo esse desejo, conferindo honras aos que têm o maior poder de possuir, de ganhar. A mesma atitude estúpida existe na religião: a autoridade religiosa considera o homem que se conformou inteiramente aos seus dogmas e crenças uma pessoa verdadeiramente espiritual. Confere honra ao homem que possui a virtude. Logo, no nosso desejo de possuir – e novamente não estou falando em termos de opostos, mas, antes, examinando precisamente a coisa que causa o desejo de posse – na nossa procura de posse, criamos uma sociedade da qual inconscientemente nos tornamos escravos. Tornamo-nos peças de engrenagem nessa máquina social, aceitando todos os seus valores, as suas tradições, as suas esperanças e anseios, e as suas ideias estabelecidas, porque nós criamos a sociedade, e ela ajuda-nos a obter o que queremos. Assim, a ordem estabelecida, seja do governo ou da religião, põe fim ao questionamento, à procura, à dúvida. Por isso, quanto mais nos unirmos nas nossas várias posses, mais tendência temos para nos tornarmos nacionalistas.

Afinal, o que é uma nação? É um grupo de indivíduos que vivem em conjunto, com o objetivo da conveniência econômica e autoproteção, e explorando unidades similares. Não sou economista, mas esse é um fato óbvio. Desse espírito de aquisitividade surge a ideia de "a minha família", "a minha casa", "o meu país". Enquanto existir essa possessividade não pode existir verdadeira fraternidade ou verdadeiro internacionalismo. As suas fronteiras, as suas alfândegas, as suas barreiras alfandegárias, as suas tradições, as suas crenças, as suas religiões estão separando o homem do ho-

mem. O que se criou com essa mentalidade de lucro, de separatividade, proteção, segurança? Nacionalidades; e onde existe nacionalismo tem que haver guerra. É a função das nações prepararem-se para as guerras, caso contrário não podem ser verdadeiras nações. É isso o que está acontecendo em todo o mundo, e encontramo-nos à beira de outra guerra. Cada jornal encoraja o nacionalismo e o espírito de separatividade. O que tem sido dito em quase todos os países, na América, na Inglaterra, na Alemanha, na Itália? "Primeiro nós e a nossa segurança individual, e depois consideraremos o mundo". Parecemos não compreender que estamos todos no mesmo barco. As pessoas já não podem ser separadas como o eram há alguns séculos. Não devíamos pensar em termos de separação, mas insistimos em pensar nacionalisticamente ou com consciência de classe, porque continuamos ligados às nossas posses, às nossas crenças. O nacionalismo é uma doença; não pode ocasionar a unidade do mundo ou a unidade humana. Não podemos alcançar a saúde através da doença; temos que nos libertar primeiramente da doença. A educação, a sociedade, a religião, ajudam a manter as nações separadas, porque cada uma individualmente procura crescer, lucrar, explorar. Ora, desse desejo de crescer, lucrar, explorar, criamos inumeráveis crenças – crenças relativas à vida após a morte, à reencarnação, à imortalidade – e encontramos pessoas que nos exploram através das nossas crenças. Por favor, compreendam que ao dizer isso não me refiro a qualquer líder ou professor em particular; não estou atacando nenhum dos vossos líderes. Atacar alguém é uma pura perda de tempo. Não estou interessado em atacar nenhum líder específico, tenho algo mais importante a fazer na vida. Quero agir como um espelho, explicar-lhes as perversões e desilusões que existem na sociedade, na religião. Toda a nossa estrutura social e intelectual está baseada na ideia de lucro, de consecução; e quando a mente e o coração estão dominados pela ideia de ganho, não pode existir o verdadeiro viver, não pode existir o fluxo livre da vida. Não é assim? Se estão constantemente contando com o futuro, com uma

consecução, com uma obtenção, com uma esperança, como podem viver completamente no presente? Como podem agir inteligentemente como um ser humano? Como podem pensar ou sentir na plenitude do presente, quando estão sempre vigiando cuidadosamente o futuro distante?

Através da nossa religião, através da nossa educação, somos convertidos em nada, e, tendo consciência desse nada, queremos ganhar, ser bem sucedidos. Assim, procuramos constantemente professores, gurus, sistemas. Se realmente compreendem isso, agirão; não o discutirão apenas intelectualmente. Ao procurarem o ganho, perdem de vista o presente. Na vossa procura de lucro, na vossa confiança no passado, não compreendem totalmente a experiência imediata. Essa experiência deixa uma cicatriz, uma memória que é a incompletude dessa experiência, e dessa incompletude crescente desenvolve-se a consciência do "eu", o ego. As suas divisões do ego são apenas o refinamento superficial do egoísmo na sua procura de ganho. Intrinsecamente, nessa incompletude da experiência, nessa memória, tem o ego as suas raízes. Por muito que possa crescer, expandir-se, sempre preservará o centro do egoísmo. Assim, quando procuram lucro, sucesso, cada experiência aumenta a autoconsciência. Mas discutiremos isto noutra altura. Nesta palestra quero apresentar o máximo que possa do meu pensamento, para que durante as próximas palestras eu tenha tempo para responder às questões que possam colocar. Quando a mente é apanhada no passado ou no futuro, não pode compreender o significado da experiência presente. Isto é óbvio. Quando estão prestando atenção ao ganho, não podem compreender o presente. E uma vez que não compreendem o presente, que é experiência, ela deixa a sua cicatriz, a sua incompletude na mente. Não estão libertos dessa experiência. Essa falta de liberdade, de plenitude, cria memória, e o aumento dessa memória não é senão autoconsciência, o ego. Portanto, quando dizem "Deixa-me contar com a experiência para me dar liberdade", o que realmente estão fazendo é aumentar, intensificar, expandir essa autoconsciência, esse ego; porque es-

tão contando com o ganho, a acumulação, como meio para obter felicidade, como meio de compreender a verdade. Depois de terem estabelecido na sua mente a consciência do "eu", a sua mente alimenta essa consciência, e daí surge a questão sobre se viverão ou não após a morte, se poderão ter esperança na reencarnação. Querem saber categoricamente se a reencarnação é um fato. Por outras palavras, utilizam a ideia da reencarnação como um meio de protelação, retirando daí conforto. Dizem "Através do progresso obterei compreensão; o que não compreendi hoje compreenderei amanhã. Por isso, deixa-me ter a garantia de que a reencarnação é verdade". Sendo assim, agarram-se a essa ideia de progresso, essa ideia de obter cada vez mais até que cheguem à perfeição. É a isso que chamam progresso, adquirir cada vez mais, acumular cada vez mais. Mas para mim, perfeição é realização, não essa acumulação progressiva. Usam a palavra progresso para significar acumulação, obtenção, consecução; é essa a sua ideia fundamental de progresso. Mas a perfeição não reside no progresso; ela é realização. A perfeição não é compreendida através da multiplicação de experiências, mas é plenitude na experiência, plenitude na própria ação. O progresso separado da plenitude conduz à total superficialidade.

Um sistema de fuga assim é dominante no mundo de hoje. A sua teoria da reencarnação torna o homem cada vez mais superficial, em que ele diz "Como não posso me realizar hoje, fá-lo-ei no futuro". Se não se podem realizar nesta vida, retiram conforto da ideia de que há sempre uma próxima vida. Daqui surge o questionamento sobre a vida após a morte, e a ideia de que o homem que adquiriu mais conhecimento, que não é sabedoria, alcançará a perfeição. Mas a sabedoria não é o resultado da acumulação; a sabedoria não é posse; a sabedoria é espontânea, imediata. Enquanto a mente foge do vazio através da obtenção, esse vazio aumenta, e não têm um dia, um momento, em que possam dizer "Eu vivi". As suas ações são sempre incompletas, não realizadas, e por esse motivo a sua pro-

cura de continuação. Com esse desejo, o que aconteceu? Vocês tornaram-se cada vez mais vazios, cada vez mais superficiais, irrefletidos, sem sentido crítico. Aceitam o homem que lhes oferece conforto, certeza, e vocês, como indivíduos, criaram-no como vosso explorador. Tornam-se seus escravos, escravos do seu sistema, dos seus ideais. Dessa atitude de aceitação não há realização, mas protelação. Por isso, a necessidade da ideia da sua continuidade, a crença na reencarnação, e daí surge a ideia de progresso, acumulação. Seja o que for que fizerem, não há harmonia, não há significado, porque estão constantemente pensando em termos de obtenção. Pensam na perfeição como uma finalidade, não como realização.

Ora, conforme disse, a perfeição reside na compreensão, em compreender completamente o significado de uma experiência; e essa compreensão é realização, a qual é imortalidade. Portanto, têm que se tornar plenamente conscientes da sua ação no presente. O aumento da autoconsciência chega através da superficialidade da ação e através da exploração incessante, começando com as famílias, maridos, esposas, crianças, e alargando-se à sociedade, ideais, religião; porque todos eles estão baseados nessa ideia de obtenção. O que realmente estão procurando é aquisitividade, ainda que possam estar inconscientes dela, e da sua exploração. Quero esclarecer que as suas religiões, as suas crenças, as suas tradições, a sua autodisciplina, estão baseadas na ideia de ganho. São apenas engodos para o comportamento correto, e delas surge o explorador e o explorado. Se estão à procura de aquisitividade, procurem-na conscientemente – não hipocritamente. Não digam que estão à procura da verdade, porque não se chega à verdade dessa maneira. Ora, essa ideia de crescer cada vez mais é para mim falsa, porque aquilo que cresce não é eterno. Foi já alguma vez demonstrado que quanto mais tiverem, mais compreendem? Em teoria poderá ser assim, mas na realidade não é assim. Um homem aumenta a sua propriedade e cerca-a; outro aumenta o seu conhecimento e é limitado por ele. Qual é a diferença? Este processo de crescimento acumulativo é nés-

cio, falso desde o princípio, porque aquilo que é suscetível de crescimento não é eterno. É uma ilusão, uma falsidade que nada tem em si de realidade. Mas se andarem atrás dessa ideia de crescimento acumulativo, andem atrás dela com toda a sua mente e com todo o seu coração. Então descobrirão como é superficial, como é inútil, como é artificial. E quando perceberem que é falsa, então saberão a verdade. Nada precisa substituí-la. Então já não procurarão a verdade para substituir pelo falso; porque na sua percepção direta já não existe o falso. E nessa compreensão há o eterno. Então há felicidade, inteligência criativa. Então viverão naturalmente, completamente, como a flor, e nisso há imortalidade.

Segunda Palestra

(30 de dezembro de 1933)

Conforme estava dizendo ontem, o pensamento é mutilado, é invalidado, quando está limitado por uma crença; contudo, a maioria dos nossos pensamentos é uma reação baseada na crença, numa crença específica ou num ideal. Assim, o nosso pensamento nunca é verdadeiro, fluido, criativo. É sempre controlado por uma crença específica, uma tradição ou um ideal. Só se pode compreender a verdade, essa verdade duradoura, quando o pensamento está continuamente em movimento, liberto de um passado ou de um futuro. Isso é tão simples que muitas vezes não o compreendemos. Um grande cientista não tem objetivo na sua pesquisa; se ele estivesse apenas procurando um resultado, então deixaria de ser um grande cientista. Assim tem que ser com o nosso pensamento. Mas o nosso pensamento está estropiado, limitado, cercado por uma crença, por um dogma, por um ideal, e assim não há pensamento criativo.

Por favor, apliquem o que digo a vocês mesmos; então poderão acompanhar facilmente o que quero dizer. Se apenas ouvirem como um divertimento, então o que digo é totalmente frívolo, e só haverá mais confusão. Em que baseiam a sua crença? Em que se fundamentam a maior parte das

suas ideias? Se prestarem atenção, descobrirão que a crença tem como motivação ou a ideia de obtenção, de recompensa, ou de que serve como um engodo, uma orientação, um padrão. Dizem "Procurarei a virtude, agirei dessa ou daquela maneira, para obter felicidade; descobrirei o que é a verdade, para vencer a confusão, o sofrimento; servirei para ter as bênçãos dos céus". Mas essa atitude em relação à ação como um meio de aquisição futura está constantemente mutilando o seu pensamento. Ou, mais uma vez, a crença se baseia no resultado do passado. Ou têm princípios externos, impostos, ou desenvolveram ideais internos segundo os quais vivem. Os princípios externos são impostos pela sociedade, pela tradição, pela autoridade, os quais se baseiam no medo. Estes são os princípios que constantemente usam como o seu padrão: "Que pensará o meu vizinho?" "O que sustenta a opinião pública?", "O que dizem os livros sagrados ou os professores?" Ou desenvolvem uma lei interna, que nada mais é que uma reação ao exterior; isto é, desenvolvem uma crença interior, um princípio interior, baseado na memória da experiência, na reação, para se orientarem no movimento da vida. Assim, a crença ou é do passado ou é do futuro. Isto é, quando há uma carência, o desejo cria o futuro; mas quando se orientam no presente de acordo com uma experiência que tiveram, esse padrão está no passado; já está morto. Assim desenvolvemos uma resistência contra o presente, à qual chamamos força de vontade. Ora, para mim, a força de vontade existe somente onde há falta de compreensão. Por que queremos a força de vontade? Quando compreendo e vivo uma experiência, não tenho que combatê-la; não tenho que resistir-lhe. Quando compreendo completamente uma experiência já não existe o espírito de imitação, de ajustamento, ou o desejo de lhe resistir. Compreendo-a completamente, e por isso estou liberto da sua carga. Têm que refletir sobre o que estou dizendo; as minhas palavras não são tão confusas quanto possam parecer. A crença baseia-se na ideia de aquisição, e o desejo de obter resulta da ação. Procuram obtenção; estão sendo moldados por conjuntos de crenças

baseados na ideia de ganho, na procura de recompensa, e a sua ação é o resultado dessa busca. Se estivessem no movimento do pensamento, não procurando uma finalidade, uma meta, uma recompensa, então haveria resultados, mas não se preocupariam com eles.

Como disse, um cientista que procura resultados não é um verdadeiro cientista; e um verdadeiro cientista que procura profundamente não está preocupado com os resultados que alcança, mesmo que esses resultados sejam úteis para o mundo. Portanto, preocupem-se com o movimento da ação em si, e aí há o êxtase da verdade. Mas têm que se tornar conscientes de que o pensamento é limitado pela crença, que estão agindo apenas de acordo com um conjunto de crenças, que a sua ação está estropiada pela tradição. Nessa liberdade de consciência existe a plenitude de ação.

Suponham, por exemplo, que sou professor numa escola. Se eu tentar moldar a inteligência dos alunos no sentido de uma ação específica, então já não se trata de inteligência. Como o aluno empregará a sua inteligência é com ele. Se ele for inteligente, agirá verdadeiramente, porque não estará agindo por motivos de obtenção, de recompensa, de sedução, de poder. Para compreender esse movimento do pensamento, essa plenitude de ação, que nunca poderá ser estática como um padrão, como um ideal, a mente tem que estar livre da crença; porque a ação que procura recompensa não pode compreender a sua própria plenitude, a sua própria realização. Contudo, a maior parte das suas ações estão baseadas na crença. Acreditam na orientação de um Mestre, acreditam num ideal, acreditam em dogmas religiosos, acreditam nas tradições estabelecidas da sociedade. Mas com esse pano de fundo da crença nunca compreenderão, nunca aprofundarão a experiência integralmente, com todo o seu ser. Só quando já não estiverem limitados pela crença é que conhecerão a plenitude da ação. Agora não têm consciência desse fardo que perverte a mente. Tornem-se plenamente conscientes desse fardo na ação, e essa mesma consciência libertará a mente de todas as perversões.

Responderei agora a algumas das questões que me foram colocadas.

Pergunta: Pela ratificação das escrituras e a concorrência de muitos professores, a dúvida tem sido considerada através dos tempos como uma grilheta a ser destruída antes que a verdade possa começar a aparecer na alma. O senhor, pelo contrário, parece olhar para a dúvida a uma luz bastante diferente: chegou mesmo a chamá-la um precioso unguento. Qual dessas duas opiniões contraditórias é a correta?

Krishnamurti: Deixemos as escrituras fora dessa discussão; porque quando começa a citar as escrituras para apoiar as suas opiniões, tenha a certeza de que o Diabo também pode encontrar textos nas escrituras que apoiem a opinião completamente contrária! Nos Upanishads, nos Vedas, tenho a certeza de que pode ser encontrado o completo oposto daquilo que diz que as escrituras ensinam; tenho a certeza que podem ser encontrados textos que dizem que se deve duvidar. Portanto, não vamos citar as escrituras uns aos outros; é como arremessar tijolos à cabeça um do outro.

Conforme disse, as suas ações baseiam-se em crenças, em ideais, que herdaram ou adquiriram. Não têm realidade. Nenhuma crença é jamais uma realidade viva. Para o homem que vive, as crenças são desnecessárias. Ora, como a mente está estropiada pelas muitas crenças, pelos muitos princípios, pelas muitas tradições, falsos valores e ilusões, têm que começar a questioná-los, a duvidar deles.

Vocês não são crianças. Não podem aceitar seja o que for que lhes é oferecido ou imposto. Têm que começar a questionar o próprio alicerce da autoridade, porque esse é o início da verdadeira crítica; têm que questionar

para descobrir por vocês próprios o verdadeiro significado dos valores tradicionais. Essa dúvida, nascida do conflito intenso, por si só libertará a mente e dar-lhes-á o êxtase da liberdade, um êxtase liberto da ilusão. Assim, a primeira coisa é duvidar, não acalentar as suas crenças. Mas a alegria dos exploradores é instá-los a não duvidar, a considerarem a dúvida uma grilheta. Porque deveriam temer a dúvida? Se estão satisfeitos com as coisas como elas estão, então continuem a viver como vivem. Digam que estão satisfeitos com as suas cerimônias; podem ter rejeitado as velhas e aceitado as novas, mas ambas são a mesma coisa no final. Se estão satisfeitos com elas, o que eu digo não os perturbará na sua tranquilidade estagnante. Mas não estamos aqui para ser limitados, para ser seduzidos; estamos aqui para viver inteligentemente, e se desejarem viver assim, a primeira coisa que têm que fazer é questionar.

Ora, a nossa pretensa educação destrói implacavelmente a inteligência criativa. A educação religiosa, que autoritariamente mantém perante vocês a ideia de medo sob variadas formas, impede-os de questionar, de duvidar. Podem ter descartado a velha religião de Mylapore, mas aceitaram uma nova religião que tem muitos "Não faças" e "Faz". A sociedade, através da força da opinião pública que é forte, vital, também os impede de duvidar; e vocês dizem que se resistissem à opinião pública, ela esmagá-los-ia. Assim, em todos os lados, a dúvida é desencorajada, destruída, posta de lado. Contudo, só podem encontrar a verdade quando começarem a questionar, a duvidar dos valores de que a sociedade e a religião, antigas e modernas, os rodearam. Portanto, não comparem o que estou dizendo com o que é dito nas escrituras; dessa maneira nunca compreenderemos. A comparação não leva à compreensão. Somente quando pegamos numa ideia em si e a examinamos profundamente, não comparativamente nem relativamente, mas com o objetivo de descobrir o seu valor intrínseco, somente então compreenderemos.

Tomemos um exemplo. Sabem que é costume aqui casar muito novo,

e isso se tornou quase sagrado. Ora, não devemos questionar esse costume? Questionam esse hábito tradicional se realmente amam os seus filhos. Mas a opinião pública está tão fortemente a favor do casamento antes do tempo que não se atrevem a ir contra ela e, portanto, nunca questionam honestamente essa superstição. Descartaram certas cerimônias e aceitaram outras novas. Por que desistiram das velhas cerimônias? Desistiram delas porque não os satisfaziam; e aceitaram outras novas porque são mais prometedoras, mais atraentes, oferecem maior esperança. Nunca disseram "Vou descobrir o valor intrínseco das cerimônias, sejam elas Hindus, Cristãs, ou de qualquer outro credo". Para descobrir o seu valor intrínseco têm que pôr de lado as esperanças, os engodos, que elas oferecem, e examinar criticamente toda a questão. Não pode existir essa atitude de aceitação. Vocês só aceitam quando desejam obter, quando procuram conforto, refúgio, segurança, e nessa busca de segurança, de conforto, fazem da dúvida uma grilheta, uma ilusão a ser banida e destruída.

Uma pessoa que quer viver verdadeiramente, compreender a vida completamente, tem que conhecer a dúvida. Não digam "Haverá alguma vez um fim para a dúvida?" A dúvida existirá enquanto sofrerem, enquanto não tiverem descoberto os verdadeiros valores. Para compreender os verdadeiros valores têm que começar a duvidar, a ser críticos das tradições, da autoridade, em que a sua mente tem sido treinada. Mas isso não quer dizer que a sua atitude tenha de ser de oposição pouco inteligente. Para mim, a dúvida é um precioso unguento. Cura as feridas do sofredor. É uma influência benigna. A compreensão só chega quando duvidam, não com o objetivo de mais aquisição ou substituição, mas para compreender. Onde existe o desejo de obter já não existe a dúvida. Onde existe o desejo de obter existe a aceitação da autoridade – seja a de um, a de cinco, ou a de um milhão. Uma autoridade assim encoraja a aceitação e chama grilheta à dúvida; porque estão continuamente à procura de conforto, de segurança, encontram exploradores que lhes asseguram que a dúvida é uma

grilheta, uma coisa a banir.

Pergunta: Diz que não podemos trabalhar para o nacionalismo e ao mesmo tempo pela fraternidade. Quer dizer que sugere que nós, que somos uma nação dominada e que acreditamos firmemente na fraternidade, devemos cessar de lutar para nos tornarmos autogovernados, ou que, enquanto estivermos tentando libertar-nos do jugo estrangeiro, devemos deixar de trabalhar para a fraternidade?

Krishnamurti: Não olhemos para essa questão do ponto de vista de uma nação dominada ou de uma nação exploradora. Quando nos denominamos uma nação dominada, estamos criando um explorador. Não olhemos de momento para a questão desta maneira. Para mim, a questão não é a solução de um problema imediato, porque, se compreendermos integralmente o objetivo último em direção ao qual estamos trabalhando, então ao trabalhar para esse objetivo resolvemos o problema imediato sem grande dificuldade.

Agora, por favor, acompanhem o que vou dizer; pode ser novo para vocês, mas não o rejeitem por essa razão. Sei que a maioria de vocês é nacionalista e que ao mesmo tempo se supõe serem a favor da fraternidade. Sei que estão tentando manter o espírito do nacionalismo e o espírito de fraternidade ao mesmo tempo. Mas, por favor, ponham de lado essa atitude nacionalista de momento, e olhem para a questão a partir de outro ponto de vista. A solução definitiva do problema do emprego e da fome é a unidade mundial ou humana. Vocês dizem que há milhões de pessoas morrendo de fome e de sofrimento na Índia, e que, se puderem se livrar dos ingleses, encontrarão maneiras e meios de satisfazer as pessoas que

estão morrendo de fome. Mas eu digo: não procurem resolver o problema a partir desse ponto de vista. Não considerem os sofrimentos imediatos da Índia, mas considerem toda a questão dos milhões que estão morrendo de fome no mundo. Milhões de chineses estão morrendo por falta de comida. Por que não pensam nesses? "Não, não", dizem vocês, "o meu primeiro dever é para com os de casa". Isto é também o que os chineses dizem: "O meu primeiro dever é para com os de casa". É o que proclamam os ingleses, os alemães, os Italianos; é o que afirma cada nacionalista. Mas eu digo: não olhem para o problema a partir desse ponto de vista – não o chamarei um ponto de vista nem tacanho nem amplo. Eu digo: considerem a causa total da fome em todo o mundo, e não por que é que um povo específico não tem comida suficiente.

O que causa a fome? A falta de planejamento organizado para toda a raça humana. Não é assim? Há comida suficiente. Existem alguns métodos excelentes que podem ser usados para a distribuição de comida e roupas, e para dar emprego ao homem. Há o suficiente de todas essas coisas. Então, o que nos impede de fazer o uso inteligente dessas coisas? As distinções de classes, as distinções nacionais, as distinções religiosas e sectárias – todas elas impedem a cooperação inteligente. No íntimo cada um de vocês está lutando para obter; cada um é regido pelo instinto de posse. Eis porque acumulam implacavelmente, legam as suas posses às suas famílias, e isso se tornou uma causa de ruína para o mundo. Enquanto esse espírito existir, nenhum sistema inteligente funcionará satisfatoriamente, porque não há pessoas inteligentes suficientes para utilizá-lo sabiamente. Quando falam de nacionalismo querem dizer "Primeiro o meu país, a minha família, e eu". Através do nacionalismo nunca chegarão à unidade humana, à unidade do mundo. O absurdo e a crueldade do nacionalismo estão fora de dúvida, mas os exploradores usam o nacionalismo para os seus próprios fins. Aqueles de vocês que falam de fraternidade são geralmente nacionalistas no íntimo. O que significa fraternidade como uma ideia ou como

uma realidade? Como podem ter realmente o sentimento de amor fraternal nos seus corações quando sustentam um determinado conjunto de crenças dogmáticas, quando fazem distinções religiosas? E é isso o que estão fazendo nas suas várias sociedades, nos seus vários grupos. Estão agindo de acordo com o espírito de fraternidade quando existem estas distinções? Como podem conhecer esse espírito quando têm preconceitos de classe? Como pode haver unidade ou fraternidade quando pensam somente em termos da sua família, da sua nacionalidade, do seu Deus? Enquanto estiverem tentando resolver apenas o problema imediato – aqui, o problema da fome na Índia – são confrontados com dificuldades insuperáveis. Não existe processo, sistema, revolução que possa alterar a situação de imediato. Livrarem-se imediatamente dos ingleses, ou substituir uma burocracia obscura por uma burocracia transparente, não dará de comer aos milhões de esfomeados na Índia.

A fome existirá enquanto existir exploração. E vocês, individualmente, estão envolvidos nessa exploração no seu anseio de poder que cria distinções, no seu desejo de segurança individual, tanto espiritual como física. Eu afirmo que enquanto existir o espírito de exploração, sempre haverá fome. Ou o que pode acontecer é isto: podem ser implacavelmente conduzidos a aceitar outro conjunto de ideias, a adotar uma nova ordem social, quer gostem quer não. Presentemente é costume – e é reconhecido como legítimo – explorar, possuir e aumentar as suas posses, manter, colher, amontoar, herdar. Quanto mais têm, maior é o seu poder de exploração. Em reconhecimento das suas posses, do seu poder, o governo honra-os, conferindo-lhes títulos e monopólios; chamam-lhes “Sir”, tornam-se um K.C.S.I., Rao Bahadur. É isso o que está acontecendo na sua existência material; e na sua pretensa vida espiritual existe exatamente a mesma situação. Estão adquirindo honras espirituais, títulos espirituais; entram nas distinções espirituais de discípulos, Mestres, gurus. Existe a mesma luta pelo poder, a mesma possessividade, a mesma terrível crueldade da

exploração através dos sistemas religiosos e dos seus exploradores, os sacerdotes. E pensa-se que isso é espiritual, moral. Vocês são escravos do sistema que existe atualmente.

Ora, outro sistema está surgindo, chamado comunista. Esse sistema está inevitavelmente fazendo a sua aparição porque aqueles que têm posses são tão desumanos, tão implacáveis na sua exploração, que aqueles que sentem a sua crueldade e o seu caráter grotesco têm que encontrar um meio de resistência. Portanto, começam a acordar, a revoltar-se, e fá-los-ão penetrar no seu sistema de pensamento porque vocês são desumanos. (Riso) Não, não riam. Vocês não se apercebem da horrível crueldade provocada pelos seus mesquinhos sistemas de posse. Está chegando um novo sistema, e, quer gostem quer não, serão despojados; serão conduzidos como carneiros em direção à não-posse, da mesma maneira que são agora conduzidos para a posse. Nesse sistema, a honra vai para aqueles que não são possessivos. Vocês serão escravos desse novo sistema tal como são escravos do antigo. Um força-os a possuir, o outro a não possuir. Talvez o novo sistema beneficie as multidões, as massas; se forem forçados, individualmente, a aceitá-lo, então o pensamento criativo termina. Por isso eu digo: ajam voluntariamente, com compreensão. Sejam livres da possessividade, bem como do seu oposto, a não-possessividade. Mas vocês perderam todo o sentido do verdadeiro sentir. Eis por que lutam pelo nacionalismo – contudo não estão preocupados com as muitas implicações do nacionalismo. Quando estão ocupados com distinções de classe, quando estão lutando para manter o que têm, estão realmente sendo explorados individual e coletivamente, e essa exploração inevitavelmente conduzirá à guerra. Não será isso ostensivamente óbvio agora na Europa? Cada nação continua com a acumulação de armamentos, e contudo fala de paz e assiste a conferências sobre o desarmamento. (Riso)

Estão fazendo exatamente a mesma coisa de outra maneira. Falam sobre fraternidade, e contudo agarram-se a distinções de castas: os precon-

ceitos religiosos dividem-nos, os costumes sociais tornaram-se barreiras cruéis. Pelas suas crenças, ideais, preconceitos, a unidade do homem está constantemente sendo demolida. Como podem falar de fraternidade quando não a sentem nos seus corações, quando as suas ações se opõem à unidade do homem, quando constantemente procuram a sua autoexpansão, a sua autoglorificação? Se não estivessem perseguindo os seus próprios fins egoístas, querem dizer que pertenceriam a organizações que lhes prometem recompensas espirituais e temporais? É isso o que as suas religiões, os seus grupos seletivos, os seus governos estão fazendo, e vocês pertencem-lhes para a sua própria autoexpansão, a sua própria autoglorificação.

Se se tornarem inteligentes sobre toda essa questão do nacionalismo, se realmente refletirem sobre ela, e se, portanto, agirem verdadeiramente em relação a ela, podem criar uma unidade no mundo que será a única solução real para o problema imediato da fome. Mas é difícil para vocês pensarem ao longo dessas linhas, porque foram treinados durante anos a pensar na rotina nacionalista. As suas histórias, as suas revistas, os seus jornais, todos eles enfatizam o nacionalismo. Vocês são treinados pelos seus exploradores políticos a não ouvir ninguém que chama o nacionalismo uma doença, ninguém que diga que não é um meio para a unidade do mundo. Mas vocês não devem separar o meio do fim; o fim está diretamente ligado ao meio; não é distinto dele. O fim é a unidade do mundo, um plano organizado para o todo, embora isso não signifique equalização da individualidade. No entanto, uma equalização sem vida, mecânica, acontecerá se não agirem voluntariamente, inteligentemente.

Pergunto-me quantos de vocês sentem a urgência, a necessidade dessas coisas? O fim é a unidade humana, da qual tanto falam; mas falam apenas sem vontade e sem ação inteligente; não sentem, e as suas ações negam as suas palavras. O fim é a unidade humana, um planejamento organizado para todos os homens, não o condicionamento do homem. O objetivo não é forçar o homem a pensar em qualquer direção em particular,

mas ajudá-lo a ser inteligente para que viva plenamente, criativamente. Mas tem que haver planejamento organizado para o bem-estar do homem, e isso só poderá ser ocasionado quando o nacionalismo e a distinção de classes, com a sua exploração, deixarem de existir. Senhores, quantos de vocês sentem a grande necessidade de tal ação? Tenho bem consciência da sua atitude. "Estão milhões morrendo de fome na Índia", dizem vocês. "Não é importante atacar o problema imediatamente?" Mas o que estão exatamente fazendo sobre isso? Falam sobre fazer alguma coisa, mas o que realmente fazem é discutir e debater sobre como os seus planos deverão ser organizados, que sistema deverá ser adotado, e quem deverá ser o seu líder. Isso está nos seus corações. Não estão realmente preocupados com os milhões de esfomeados em todo o mundo. É por isso que falam de nacionalismo. Se procurassem resolver o problema como um todo, se realmente se compadecessem de toda a raça humana, veriam então a imensa necessidade de uma ação humana completa, que só poderá acontecer quando pararem de falar em termos de nacionalidades, de classes, de religiões.

Pergunta: Ainda está inclinado a negar terminantemente que é um produto genuíno da cultura teosófica?

Krishnamurti: O que quer dizer com cultura teosófica? Vê como essa questão está ligada com a precedente sobre o nacionalismo. Você pergunta "Não foi a nossa sociedade, a nossa religião, o nosso país que o criou?" E segue-se a pergunta seguinte "Porque é ingrato para conosco?"

A inteligência não é o produto de nenhuma sociedade, embora eu saiba que as sociedades e os grupos gostem de explorá-la. Se eu concordasse

que sou o “produto genuíno da cultura teosófica”, seja o que for que isso possa significar, você diria “Vejam que homem maravilhoso ele é! Fomos nós que o produzimos; portanto, sigam a nós e às nossas ideias”. (Riso) Sei que estou pondo isso de forma tosca, mas é assim que muitos de vocês pensam. Não se riam. Riem demasiado facilmente, riem superficialmente, mostrando que não sentem vitalmente. Quero que considere por que me faz esta pergunta, não se sou ou não o resultado da cultura teosófica.

A cultura é universal. A verdadeira cultura é infinita; não pertence a qualquer sociedade, a qualquer nação, a qualquer religião. Um verdadeiro artista não é nem Hindu nem Cristão, nem Americano nem Inglês, porque um artista que está condicionado pela tradição ou pelo nacionalismo não é um verdadeiro artista. Assim, não vamos discutir se sou o resultado da cultura teosófica ou se não sou. Vamos considerar o porquê de ter feito esta pergunta. Isso é mais importante. Porque se mantêm fiéis às suas crenças particulares, dizem que o seu caminho é o único caminho, que é melhor que todos os outros caminhos. Mas eu afirmo que não existe nenhum caminho para a verdade. Somente quando estiverem livres dessa ideia de caminhos, que são apenas ilusões temperamentais, começarão a pensar inteligentemente e criativamente. Atenção que não estou atacando a sua sociedade. Foram suficientemente amáveis em convidar-me para falar aqui, e não estou abusando dessa amabilidade. A sua sociedade é como milhares de outras sociedades em todo o mundo, cada uma sustendo as suas próprias crenças, cada uma pensando “A nossa é o melhor caminho; a nossa crença está certa, e as outras crenças estão erradas”. Antigamente, as pessoas cujas crenças diferiam das ortodoxamente aceitas eram queimadas ou torturadas. Hoje tornamo-nos aquilo a que podemos chamar tolerantes; isto é, tornamo-nos intelectualizados. É isso o que a tolerância significa.

Fazem-me esta pergunta porque se querem convencer a si próprios de que a sua cultura, a sua crença, é a melhor; querem trazer outros para essa crença, para essa cultura. Hoje, a Alemanha sustém que será um país só de

pessoas nórdicas, que só haverá uma cultura. Vocês dizem exatamente a mesma coisa de uma maneira diferente. Vocês dizem "As nossas crenças resolverão os problemas do mundo". E isso é o que os Budistas e os Maometanos dizem; isso é o que os Católicos Romanos e outros dizem: "As nossas crenças são as melhores; a nossa instituição é a mais valiosa". Cada seita e cada grupo acreditam na sua própria superioridade, e de tais crenças surgem as cisões, as discórdias e guerras religiosas sobre coisas que não importam nada.

Para um homem que vive plenamente, completamente, para um homem que é verdadeiramente culto, as crenças são desnecessárias. Ele é criativo. Ele é verdadeiramente criativo, e essa criatividade não é o resultado de uma reação a uma crença. O homem verdadeiramente culto é inteligente. Nele não há separação entre o seu pensamento e a sua emoção, e por isso as suas ações são completas, harmônicas. A verdadeira cultura não é nacionalista nem é de nenhum grupo. Quando compreenderem isso, haverá o verdadeiro espírito de fraternidade; já não pensarão em termos de Catolicismo Romano ou de Protestantismo, em termos de Hinduísmo ou de Teosofia. Mas vocês estão tão conscientes das suas posses e da sua luta para mais aquisição que originam distinções, e daqui surge o explorador e o explorado. Alguns de vocês, eu sei, fecharam as suas mentes ao que estou dizendo e ao que vou dizer. É óbvio, olhando os seus rostos.

Comentário da audiência: Duvidamos de você, isso é tudo.

Krishnamurti: É perfeitamente correto que duvidem de mim. Fico satisfeito se duvidarem. Mas não estão duvidando. Se estivessem realmente duvidando, como poderiam fazer-me uma pergunta tal como esta, se sou o resultado da cultura teosófica ou não? O pensamento não é para ser condicionado, formado, contudo eu sei que isso está acontecendo; mas certa-

mente que não podem aceitar as coisas como são. Só aceitam quando estão satisfeitos, contentes. Não aceitam quando estão sofrendo. Quando estão sofrendo começam a questionar. Portanto, por que não haverão de duvidar? Não os convidei desde o início a examinar, a desafiar tudo o que digo, para que se tornem inteligentes, afetuosos, humanos? Chegaram a essa compreensão inteligente da vida? Estou pedindo-lhes que questionem, que duvidem, não só do que digo, mas também dos valores passados e aqueles em que estão agora aprisionados.

A dúvida provoca uma compreensão duradoura; a dúvida não é uma finalidade em si. O que é verdade só é revelado através da dúvida, através do questionamento das muitas ilusões, dos valores tradicionais, dos ideais. Estão fazendo isso? Se souberem que estão sinceramente fazendo isso, então também saberão o significado duradouro da dúvida. Estão a mente e o coração libertando-se da possessividade? Se estiverem verdadeiramente despertos para a sabedoria da dúvida, o instinto de aquisitividade deverá ser completamente destruído, porque esse instinto é a causa de muito sofrimento. Nele não há amor, mas apenas caos, conflito, sofrimento. Se duvidarem verdadeiramente, perceberão a falsidade do instinto de posse. Se vocês são críticos, interrogadores, por que se apegam às cerimônias? Agora, não comparem uma cerimônia com outra para decidir qual é melhor, mas descubram se as cerimônias valem mesmo a pena. Se disserem "As cerimônias que faço são muito satisfatórias para mim", então nada mais tenho a dizer. A sua declaração apenas mostra que não têm conhecimento da dúvida. Estão somente interessados em estar satisfeitos. As cerimônias mantêm as pessoas separadas, e cada crente nelas diz "As minhas são as melhores. Têm mais poder espiritual que as outras". É isso o que os membros de cada religião, de cada seita ou sociedade religiosa afirmam, e sobre essas distinções artificiais têm havido desavenças durante gerações. Essas cerimônias e outras barreiras assim irrefletidas separaram o homem do homem.

Posso dizer outra coisa? Se duvidarem, isto é, se desejarem enormemente descobrir, têm que largar essas coisas que lhes são tão caras. Não pode haver verdadeira compreensão mantendo o que têm. Não podem dizer "Manter-me-ei fiel a este preconceito, a esta crença, a esta cerimônia, e ao mesmo tempo examinarei aquilo que diz". Como poderiam? Tal atitude não é uma atitude de dúvida; não é uma atitude de crítica inteligente. Mostra que estão apenas à procura de um substituto. Estou tentando ajudá-los a compreender verdadeiramente a plenitude da vida. Não lhes estou pedindo que me sigam. Se estão satisfeitos com a sua vida como ela é, então a continuem. Mas se não estão, então experimentem o que estou dizendo. Não aceitem, mas comecem a ser inteligentemente críticos. Para viver completamente têm que se libertar das perversões, das ilusões em que estão presos. Para descobrir o significado duradouro da cerimônia, têm que examiná-la criticamente, objetivamente, e para fazer isso não devem ser seduzidos por ela, enredados por ela. Certamente que isso é óbvio. Examinem tanto o desempenho como o não-desempenho das cerimônias. Duvidem, questionem, ponderem sobre isso profundamente. Quando começarem a abandonar o passado, criarão conflito em vocês mesmos, e desse conflito tem que chegar a ação nascida da compreensão.

Ora, vocês têm medo de deixar ir, porque o ato de abandono trará perturbação; desse ato poderá chegar a decisão de que as cerimônias são inúteis, o que iria contra a sua família, os seus amigos, e as suas asserções passadas. Existe medo por trás de tudo isso, portanto apenas duvidam intelectualmente. São como o homem que se agarra a todas as suas posses, às suas ideias, às suas crenças, à sua família, e contudo fala da não-posse. O seu pensamento nada tem a ver com a sua ação. A sua vida é hipócrita.

Por favor, não pensem que estou falando rudemente; não estou. Mas também não vou ser sentimental ou emocional para instigá-los à ação. De fato, não estou interessado em estimulá-los para a ação; vocês mesmos se estimularão para a ação quando compreenderem. Estou interessado em

mostrar-lhes o que está acontecendo no mundo. Quero despertá-los para a crueldade, para a terrível opressão, exploração, que está em seu redor. A religião, a política, a sociedade estão explorando-os, e vocês estão sendo condicionados por elas; estão sendo forçados numa determinada direção. Vocês não são seres humanos; são uma mera peça de engrenagem numa máquina. Sofrem pacientemente, submetendo-se às crueldades do meio, quando vocês, individualmente, têm as possibilidades de mudá-las.

Senhores, é tempo de agir. Mas a ação não pode ter lugar através de meras argumentações e discussões. A ação só tem lugar quando sentem intensamente. A verdadeira ação só tem lugar quando os seus pensamentos e os seus sentimentos estão harmoniosamente ligados. Mas vocês separaram os seus sentimentos dos seus pensamentos, porque da sua harmonia a ação tem que criar um conflito que não estão dispostos a enfrentar. Mas eu digo: libertem-se dos falsos valores da sociedade, das tradições; vivam completamente, individualmente. Com isso não quero dizer individualisticamente. Quando falo de individualidade quero com isso referir-me à compreensão dos verdadeiros valores que os libertam da máquina social, religiosa, que os está destruindo. Para ser verdadeiramente individual, a ação tem que nascer da inteligência criativa, sem medo, e não aprisionada na ilusão. Vocês podem fazer isso. Podem viver completamente – não só vocês, mas todas as pessoas em seu redor – quando se tornarem criativamente inteligentes. Mas agora estão decididos a obter, sempre à procura de poder. São conduzidos por engodos, por crenças, por substitutos. Não há nisso felicidade, não há nisso inteligência criativa, não há nisso verdade.

Terceira Palestra

(31 de dezembro de 1933)

Se se puder encontrar uma absoluta garantia de segurança, então não se tem medo de nada. Se se puder ter a certeza de tudo, então o medo cessa totalmente, seja o medo do presente ou do futuro. Por isso, estamos sempre à procura de segurança, consciente ou inconscientemente, segurança essa que eventualmente se torna a nossa posse exclusiva.

Ora, existe a segurança física que, no presente estado da civilização, um homem pode acumular através do seu engenho, da sua habilidade, através da exploração. Fisicamente ele pode assim tornar-se seguro, enquanto que emocionalmente, para segurança, ele se volta para o pretenso amor, que é para a maior parte, possessividade; volta-se para as distinções emocionais egoístas da família, dos amigos, e da nacionalidade. Depois há a procura constante de segurança emocional em ideias, em crenças, na busca da virtude, sistemas, certezas, e o pretenso conhecimento. Desse modo, entrincheiramo-nos continuamente; através da possessividade, construímos à nossa volta seguranças, confortos, e tentamos sentir-nos seguros, protegidos, certos. É isso o que estamos continuamente fazendo. Mas embora nos entrincheiremos por trás das seguranças do conhecimen-

to, da virtude, do amor, da posse, embora edifiquemos muitas certezas, estamos construindo sobre areia, porque as ondas da vida estão constantemente batendo contra os seus alicerces, deixando à mostra as estruturas que nós tão cuidadosa e diligentemente construímos. Chegam experiências, uma após outra, que destroem todo o conhecimento anterior, todas as certezas anteriores, e todas as nossas seguranças são arrastadas, disseminadas como palha perante o vento. Assim, embora possamos pensar que estamos seguros, vivemos no medo contínuo da morte, no medo da mudança e da perda, no medo da revolução, no medo da incerteza torturante. Estamos constantemente conscientes da transitoriedade do pensamento. Construímos inumeráveis muros por trás dos quais procuramos segurança e conforto, mas o medo está ainda torturando-nos nos nossos corações e nas nossas mentes. Logo, procuramos continuamente a substituição, e essa substituição torna-se a nossa meta, o nosso objetivo. Dizemos "Esta crença provou não ser de qualquer valor, portanto deixa-me virar para outro conjunto de crenças, outro conjunto de ideias, outra filosofia". A nossa dúvida termina meramente na substituição, não no questionamento da crença em si. Não é a dúvida que questiona, mas o desejo de seguranças. Por isso, a sua pretensa busca da verdade se torna apenas numa busca de mais seguranças permanentes, e aceitam como professor, como guia, qualquer pessoa que se ofereça para lhes dar segurança, certeza, conforto absolutos. É assim que é com a maioria das pessoas. Queremos e procuramos. Tentamos analisar os substitutos que os outros sugerem para tomarem o lugar das seguranças que conhecemos e que estão sendo constantemente desgastadas, corroídas, pela experiência da vida. Mas não nos podemos livrar do medo pela substituição, pela remoção de um conjunto de crenças substituindo-o por outro. Só quando descobrimos o verdadeiro valor das crenças a que nos agarramos, o significado persistente dos nossos instintos de posse, do nosso conhecimento, das seguranças que edificamos, somente nessa compreensão podemos pôr fim ao medo. A compreensão não chega

pela procura de substitutos, mas pelo questionamento, entrando verdadeiramente em conflito com as tradições, duvidando das ideias estabelecidas da sociedade, da religião, da política.

Afinal, a causa do medo é o ego e a consciência desse ego, que é criado pela falta de compreensão. Devido a essa falta de compreensão procuramos seguranças, desse modo fortalecendo essa limitada autoconsciência. Ora, enquanto o ego existir, enquanto houver a consciência do "meu", tem que haver medo; e esse ego existirá enquanto desejarmos substitutos, enquanto não compreendermos as coisas à nossa volta, as coisas que nós estabelecemos, os próprios monumentos da tradição, dos hábitos, das ideias, das crenças em que nos refugiamos. E só podemos compreender essas tradições e crenças, descobrir o seu verdadeiro significado, quando entrarmos em conflito com elas. Não podemos compreendê-las teoricamente, intelectualmente, mas apenas na plenitude do pensamento e da emoção, que é a ação.

Para mim, o ego representa a falta de percepção que cria o tempo. Quando compreendem um fato completamente, quando compreendem as experiências da vida integralmente, incondicionalmente, o tempo cessa. Mas não podem compreender a experiência completamente se estiverem constantemente à procura de certeza, de conforto, se a sua mente estiver entrincheirada na segurança. Para compreender uma experiência em todo o seu significado, têm que questionar, têm que duvidar das seguranças, das tradições, dos hábitos que edificaram porque eles impedem a plenitude da compreensão. Desse questionamento, desse conflito, se esse conflito for real, desponta a compreensão; e, nessa compreensão, a autoconsciência, a consciência limitada, desaparece. Têm que descobrir o que estão procurando: segurança ou compreensão. Se estão à procura de segurança, encontrá-la-ão na filosofia, nas religiões, nas tradições, na autoridade; mas se desejam compreender a vida, na qual não há segurança, conforto, então há liberdade duradoura. E só podem descobrir o que procuram estando

conscientes na ação; não podem descobrir apenas questionando a ação. Quando questionam e analisam a ação, põe um fim à ação. Mas se estiverem conscientes, se forem intensos na sua ação, se puserem nela toda a sua mente e todo o seu coração, então essa ação revelará se estão por esse meio procurando conforto, segurança, ou essa infinita compreensão que é o eterno movimento da vida.

Pergunta: Na sua autobiografia, a Dra. Besant disse que tinha passado da tormenta à paz pela primeira vez na sua vida quando conheceu o seu grande Mestre. A sua magnífica vida daí para a frente teve a sua força motriz na sua ilimitada e interminável devoção ao seu Mestre, expressa através da alegria de servi-lo. O senhor mesmo, nas suas poéticas palavras, declarou a sua inexprimível alegria na união com o Amado (Beloved) e na visão da sua face para onde quer que se voltasse. Não poderia a influência de um Mestre, tal como foi evidente na notável vida da Dra. Besant e na sua, ser igualmente significativa em outras vidas?

Krishnamurti: Está perguntando-me, por outras palavras, se os Mestres são necessários, se eu acredito em Mestres, se a sua influência é benéfica, e se eles existem. É essa toda a questão, não é? Muito bem, senhores. Ora, acreditem ou não em Mestres (e alguns de vocês acreditam neles), por favor não fechem as suas mentes ao que vou dizer. Sejam abertos, críticos. Vamos examinar a questão exaustivamente, em vez de discutir se vocês ou eu acreditamos em Mestres.

Em primeiro lugar, para compreender a verdade têm que permanecer sozinhos, inteiramente e integralmente sozinhos. Nenhum Mestre, nenhum guru, nenhum sistema, nenhuma autodisciplina jamais levantará para vo-

cês o véu que oculta a sabedoria. A sabedoria é a compreensão dos valores duradouros e o viver desses valores. Ninguém os pode conduzir à sabedoria. Isso é óbvio, não é? Nem precisamos discuti-lo. Ninguém os pode forçar, nenhum sistema os pode instar a libertarem-se do instinto de possessividade, até que vocês próprios voluntariamente compreendam, e nessa compreensão há sabedoria. Nenhum Mestre, nenhum guru, nenhum professor, nenhum sistema os pode forçar a essa compreensão. Somente o sofrimento que vocês próprios experimentam pode fazê-los ver o absurdo da posse da qual surge o conflito; e desse sofrimento chega a compreensão. Mas, quando procuram uma fuga desse sofrimento, quando procuram refúgio, conforto, então têm que ter Mestres, têm que ter filosofia e crença; então voltam-se para os tais refúgios de segurança como a religião. Assim, com essa compreensão, vou responder à sua questão. Esqueçamos de momento o que a Dra. Besant disse e fez, ou o que eu disse e fiz. Deixemos isso de lado. Não tragam a Dra. Besant para a discussão; se o fizerem, reagirão emocionalmente, aqueles de vocês que têm simpatia pelas suas ideias, e aqueles de vocês que a não têm. Dirão que ela me criou, que sou desleal, e palavras semelhantes que utilizam para mostrar a sua desaprovação. Coloquemos de lado tudo isso de momento e olhemos para a questão com toda a franqueza e simplicidade.

Em primeiro lugar, querem saber se os Mestres existem. Eu digo que, quer eles existam ou não, isso é de muito pouca importância. Agora, por favor, não pensem que estou atacando as suas crenças. Compreendo que estou falando para membros da Sociedade Teosófica, e que aqui sou o seu convidado. Mas fizeram-se uma pergunta, e estou simplesmente respondendo-a. Assim, vamos considerar o porquê de quererem saber se os Mestres existem ou não. "Porque", dizem para vocês próprios, "os Mestres podem guiar-nos através da confusão, tal como um sinal luminoso do farol guia o marinheiro". Mas o fato de dizerem isso mostra que estão apenas à procura de um porto de abrigo, que têm medo do mar alto da vida. Ou,

mais uma vez, podem fazer a pergunta por que querem fortalecer a sua crença; querem fundamentação, corroboração da sua crença.

Senhores, uma coisa que é um brinquedo, embora tornado belo pela corroboração de milhares de pessoas, permanece um brinquedo. Vocês dizem-me "Os nossos professores deram-nos fé, mas agora vem lançar a dúvida nessa fé. Por isso queremos saber se os Mestres existem ou não. Por favor, fortaleça-nos na nossa crença de que eles existem; diga-nos se o senhor mesmo foi ou não guiado por eles". Se apenas desejam ser fortalecidos na sua fé, então eu não posso responder a essa pergunta, porque não me limito com a fé. A fé é mera autoridade, cegueira, esperança, anseio; é um meio de exploração, seja aqui ou na Igreja Católica Romana, ou em qualquer outra religião. É um meio de forçar o homem à ação, à ação correta ou incorreta. O fortalecimento da fé não produz compreensão; mais exatamente, o próprio duvidar dessa fé e a descoberta do seu significado, trazem compreensão. Que diferença faria se pudessem ver os Mestres fisicamente todos os dias? Todavia, continuariam a agarrar-se aos seus preconceitos, às suas tradições, aos seus hábitos; seriam todavia escravos das suas crueldades, das suas crenças fanáticas, tacanhas, da sua falta de amor, do seu orgulho na nacionalidade, mas esses vocês conservariam secretamente fechados a sete chaves.

Depois da primeira questão surge a segunda: "Duvida dos mensageiros dos Mestres?" Eu duvido de tudo, porque só através da dúvida se pode descobrir, não através de colocarmos a nossa fé em algo. Mas vocês evitaram cuidadosamente, perseverantemente, a dúvida; desfizeram-se dela como de uma grilheta. Então, de novo dirão "Se eu entrar em contato com os Mestres, posso descobrir o seu plano para a humanidade". Referem-se a um plano social, um plano para o bem-estar físico do homem? Ou referem-se ao bem-estar espiritual do homem? Se responderem "Ambos", então eu digo que o homem não pode alcançar o bem-estar espiritual através da atuação de outra pessoa. Isso está inteiramente nas suas mãos. Nin-

guém pode planejar isso para outro. Cada homem tem que descobrir por si mesmo, tem que compreender; há plenitude na realização, não no progresso. Mas se disserem "Procuramos um plano para o bem-estar físico do homem", então têm que estudar economia e sociologia. Então porque não fazer de Harold Laski o seu mestre, ou de Keynes, ou de Marx ou de Lenin? Cada um destes oferece um plano para o bem-estar do homem. Mas vocês não querem isso. O que vocês querem, quando procuram um Mestre, é abrigo, um refúgio de segurança; querem proteger-se do sofrimento, esconder-se da confusão e do conflito.

Afirmo que não existe tal coisa como um refúgio, como conforto. Podem apenas fazer um refúgio artificial, criado intelectualmente. Porque o fizeram durante gerações, perderam a sua inteligência criativa. Tornaram-se limitados pela autoridade, estropiados com crenças, com falsas tradições e hábitos. Os seus corações estão secos, duros. Eis porque apoiam todas as formas de sistemas de pensamento cruéis, que conduzem à exploração. Eis porque encorajam o nacionalismo, porque lhes falta fraternidade. Falam de fraternidade, mas as suas palavras são desprovidas de sentido enquanto os seus corações estiverem limitados pela distinção de classes. Vocês, que acreditam tão profundamente em todas essas ideias, o que é que vocês têm, o que são vocês? Conchas vazias retumbando palavras, palavras, palavras. Perderam todo o sentido de sentimento pela beleza, pelo amor; apoiam instituições falsas, ideias falsas.

Aqueles de vocês que acreditam nesses Mestres, no seu plano, nos seus mensageiros, o que são vocês? Na sua exploração, no seu nacionalismo, nos seus maus-tratos das mulheres e das crianças, na sua aquisitividade, são tão cruéis como o homem que não acredita em Mestres, no seu plano, nos seus mensageiros. Apenas estabeleceram novas instituições para as antigas, novas crenças para as antigas; o seu nacionalismo é tão cruel como o antigo, só que vocês têm argumentos mais sutis para as suas crueldades e exploração. Enquanto a mente estiver aprisionada na crença, não

há compreensão, não há liberdade. Assim, para mim, se os Mestres existem ou não é totalmente irrelevante à ação, à realização, com o que nos deveríamos preocupar. Mesmo que a sua existência seja um fato, não tem qualquer importância, porque para compreender têm que ser independentes, têm que estar entregues a si próprios, completamente nus, despojados de toda a segurança. Foi isto o que eu disse na minha palestra introdutória. Têm que descobrir se estão à procura de segurança, conforto, ou se estão à procura de compreensão. Se realmente examinarem os seus próprios corações, a maior parte de vocês descobrirá que procura segurança, conforto, locais de proteção, e que nessa procura se munem de filosofias, gurus, sistemas de autodisciplina; estão assim frustrando, restringindo continuamente o pensamento. Nos seus esforços para fugir do medo, entrincheiram-se nas crenças, e, aumentando desse modo a sua própria autoconsciência, o seu próprio egoísmo, apenas se tornaram mais sutis, mais astutos.

Sei que disse todas essas coisas anteriormente, de uma forma diferente, mas aparentemente as minhas palavras não tiveram qualquer efeito. Ou querem compreender o que digo, ou estão satisfeitos com as suas próprias crenças e sofrimentos. Se estão satisfeitos com eles, por que me convidaram para vir aqui falar? Por que me ouvem? Não, fundamentalmente não estão satisfeitos. Podem preconizar que estão satisfeitos; podem associar-se a instituições, efetuar novas cerimônias, mas interiormente sentem uma incerteza, uma dor interminável que nunca se atrevem a enfrentar. Em vez disso, procuram substitutos; querem saber se lhes posso dar novos refúgios, e é por isso que me fizeram esta pergunta. Querem que eu os apoie nessas crenças das quais não têm a certeza. Querem estabilidade interior, mas eu lhes digo que não existe tal estabilidade. Querem que eu lhes dê certezas, garantias. Eu digo-lhes que têm tais certezas, tais garantias às centenas nos seus livros, nas suas filosofias, mas elas não têm qualquer valor para vocês; são pó e cinzas, porque no seu próprio íntimo não há compreensão. Só podem ter compreensão, garanto-lhes, quando começar-

em a duvidar, quando começarem a questionar precisamente os refúgios em que se confortam, em que se refugiam. Mas isso significa que têm que entrar em conflito com as tradições e com os hábitos que estabeleceram. Talvez tenham posto de parte as velhas tradições, os velhos gurus, as velhas cerimônias, e tenham aceito novos. Qual é a diferença? As novas tradições, os novos gurus, as novas cerimônias são exatamente o mesmo que os velhos, exceto que são mais exclusivos. Pelo questionamento constante descobrirão o real, o valor inerente das tradições, dos gurus, das cerimônias. Não lhes estou pedindo que abandonem as cerimônias, que deixem de seguir os Mestres. Esse é um assunto de menor importância e pouco inteligente; se efetuam cerimônias ou contam com os Mestres para sua orientação, não é importante. Mas enquanto houver falta de compreensão há medo, há sofrimento, e a mera tentativa de encobrir esse medo, esse sofrimento, através de cerimônias, através da orientação dos Mestres, não os libertará.

Já me tinham feito esta pergunta antes; fizeram-me a mesma pergunta no ano passado. E de cada vez que a fazem, fazem-na porque querem refugiar-se por trás da minha resposta; querem sentir-se protegidos, pôr um fim à dúvida. Ora, eu posso contradizer a sua crença; posso dizer que não existem Mestres. Depois chega outro para lhes dizer que os Mestres existem. Eu digo: duvidem de ambas as respostas, questionem ambas; não se limitem a aceitá-las. Vocês não são crianças, macacos imitando a ação de alguém; são seres humanos, não para serem condicionados pelo medo. Pressupõe-se que sejam criativamente inteligentes; mas como podem ser criativamente inteligentes se seguem um professor, uma filosofia, uma prática, um sistema de autodisciplina? A vida é rica somente para o homem que se encontra no movimento constante do pensamento, para o homem cujas ações são harmoniosas. Nele há afeto, há consideração. Esse cujas ações são harmoniosas usará um sistema inteligente para curar as feridas supurantes do mundo. Sei que o que estou dizendo hoje já o disse

inúmeras vezes; disse-o muitas vezes. Mas vocês não sentem essas coisas porque lhes deram explicações satisfatórias, e nessas explicações, nessas crenças, tomam refúgio, conforto. Só estão preocupados consigo próprios, com a sua própria segurança, com o seu próprio conforto, como os homens que lutam por títulos governamentais. Fazem o mesmo de maneiras diferentes, e as suas palavras de fraternidade, de verdade, nada significam; são apenas conversa oca.

Pergunta: O único desgosto da Dra. Besant diz-se ter sido o fato de que não correspondeu às suas expectativas como o Professor do Mundo. Alguns de nós compartilhamos francamente desse desgosto e desse sentido de desapontamento, e sentimos que de forma alguma é sem qualquer justificação. Tem alguma coisa a dizer?

Krishnamurti: Nada, senhores. (Riso) Quando digo "nada", quero dizer nada que atenue o seu desapontamento ou o desapontamento da Dra. Besant – se é que ela estava desapontada, porque muitas vezes me expressou o contrário. Não estou aqui para me justificar; não estou interessado em justificar-me. A questão é por que estão desapontados, se é que estão? Tinham pensado colocar-me em certa gaiola, e uma vez que eu não sirvo para essa gaiola, naturalmente ficaram desapontados. Tinham uma ideia preconcebida daquilo que eu deveria fazer, do que deveria dizer, do que deveria pensar.

Eu afirmo que existe a imortalidade, um eterno devir. A questão não é que eu o saiba, mas sim que existe. Tenham cuidado com o homem que diz "Eu sei". A vida do eterno devir existe, mas para a compreenderem a sua mente tem que estar liberta de todas as ideias preconcebidas sobre o

que é. Preconceberam ideias de Deus, da imortalidade, da vida. “Isto está escrito em livros”, dizem vocês, ou “Alguém me disse isto”. Construíram assim uma imagem da verdade, assim imaginaram Deus e a imortalidade. Querem agarrar-se a essa imagem, a essa impressão, e ficam desapontados com quem quer que seja cuja ideia difere da sua, com quem quer que seja cujas ideias não se adaptem às suas. Por outras palavras, se essa pessoa não se tornar a sua ferramenta, vocês ficam desapontados com ela. Se essa pessoa não os explorar – e vocês criam o explorador com o seu desejo de segurança – então ficam desapontados com ela. O seu desapontamento não se baseia no pensamento, não se baseia na inteligência, não se baseia na afeição profunda, mas sim em qualquer imagem de sua própria feitura, por mais falsa que possa ser.

Encontrarão pessoas que lhes dirão que as desapontei, e criarão um corpo de opinião sustentando que eu falhei. Mas dentro de cem anos não creio que vá importar muito se estão desapontados ou não. A verdade de que falo, permanecerá – não as suas fantasias ou os seus desapontamentos.

Pergunta: Considera um pecado que um homem ou uma mulher se gozem de relações sexuais ilegítimas? Um jovem quer livrar-se de tal felicidade ilegítima que ele considera errada. Tenta continuamente controlar a sua mente, mas não consegue. Poderia mostrar-lhe uma maneira prática de ser feliz?

Krishnamurti: Em coisas assim não há “maneiras práticas”. Mas consideremos a questão; tentemos compreendê-la, embora não do ponto de vista de determinado ato ser pecado ou não ser pecado. Para mim não existe tal coisa como o pecado. Por que é que o sexo se tornou um proble-

ma na nossa vida? Porque há tantas distorções, perversões, inibições, repressões? Não será porque estamos esfomeados mental e emocionalmente, porque estamos incompletos em nós próprios, porque apenas nos tornamos máquinas imitativas, e a única expressão criativa deixada para nós, a única coisa na qual podemos encontrar felicidade, é a coisa a que chamamos sexo? Como indivíduos, deixamos de o ser mental e emocionalmente. Somos apenas máquinas na sociedade, na política, na religião. Nós, como indivíduos, fomos absolutamente, implacavelmente, destruídos através do medo, através da imitação, através da autoridade. Não libertamos a nossa inteligência criativa através de canais sociais, políticos e religiosos. Por isso, a única expressão criativa que nos foi deixada como indivíduos é o sexo, e a isso atribuímos naturalmente uma tremenda importância, nisso colocamos uma enorme ênfase. Eis porque o sexo se tornou um problema, não é? Se puderem libertar o pensamento criativo, a emoção criativa, então o sexo deixará de ser um problema. Para libertar completamente, integralmente, essa inteligência criativa, têm que questionar o próprio hábito do pensamento, têm de questionar a própria tradição em que vivem, essas mesmas crenças que se tornaram automáticas, espontâneas, instintivas. Através do questionamento entram em conflito, e esse conflito e a sua compreensão despertarão a inteligência criativa; nesse questionamento gradualmente libertarão o pensamento criativo da imitação, da autoridade, do medo.

Esse é um lado da questão. Também há outro lado para essa questão, que diz respeito à comida e ao exercício, e ao amor ao trabalho que fazem. Perderam o amor ao seu trabalho. Tornaram-se empregados de escritório, escravos de um sistema, trabalhando por quinze rupias ou por dez mil rupias, não por amor ao que fazem. Com respeito à relação sexual ilegítima, consideremos primeiro o que querem dizer com casamento. Na maioria dos casos, o casamento é apenas a santificação da possessividade, pela religião e pela lei. Suponham que amam uma mulher; querem viver com ela,

possuí-la. Ora, a sociedade tem inúmeras leis que os ajudam a possuir, e várias cerimônias que santificam essa possessividade. Um ato que teriam considerado pecaminoso antes do casamento, consideram-no legal após essa cerimônia. Isto é, antes da lei legalizar e da religião santificar a sua possessividade, consideram o ato da relação sexual ilegal, pecaminoso. Onde há amor, amor verdadeiro, não há qualquer problema de pecado, de legalidade ou ilegalidade. Mas a menos que realmente pensem profundamente sobre isso, a menos que façam um esforço real para não interpretar mal o que eu disse, isso os levará a todas as espécies de confusão. Temos medo de muitas coisas. Para mim, a cessação dos problemas do sexo não reside na mera legislação, mas em libertar essa inteligência criativa, em ser completos na ação, não separando mente e coração. O problema só desaparece vivendo completamente, integralmente.

Conforme tenho tentado esclarecer, não podemos cultivar o nacionalismo e ao mesmo tempo falar de fraternidade. Creio que foi Hitler quem baniu a ideia de fraternidade da Alemanha, porque, disse ele, era antagônica ao nacionalismo. Mas aqui estão vocês tentando cultivar ambos. No íntimo são nacionalistas, possessivos; fazem distinção de classes, e contudo falam sobre a fraternidade universal, sobre a paz mundial, sobre a unidade e a unicidade da vida. Enquanto a sua ação estiver dividida, enquanto não houver ligação íntima entre pensamento, sentimento e ação, e consciência plena dessa ligação íntima, haverá inúmeros problemas que tomam tal predominância nas suas vidas que se tornam uma fonte constante de decadência.

Pergunta: O que diz quanto à necessidade de ausência de toda a con-

formidade, de toda a liderança e autoridade, é um ensinamento útil para alguns de nós. Mas a sociedade e talvez mesmo a religião, juntamente com as suas instituições e um governo sábio, são essenciais para a vasta maioria da raça humana e por isso úteis a ela. Falo a partir de anos de experiência. Discorda desta opinião?

Krishnamurti: O que é veneno para você é veneno para os outros. Se a crença religiosa, se a autoridade, é falsa para você, é falsa para toda a gente. Quando vocês consideram o homem como o interlocutor o considera, então retêm e cultivam nele uma mentalidade servil. Isso é o que eu chamo exploração. Essa é a atitude aquisitiva ou capitalista: "O que é benéfico e útil para mim é perigoso para vocês". Assim mantêm como escravos aqueles que estão limitados pela autoridade, pelas crenças religiosas. Vocês não criam novas organizações, novas instituições, para ajudar esses escravos a libertarem-se e a não se tornarem novamente escravos de novas organizações e instituições.

Ora, eu não me oponho às organizações, mas afirmo que nenhuma organização pode conduzir o homem à verdade. Contudo, todas as sociedades religiosas, seitas e grupos se baseiam na ideia de que o homem pode ser orientado para a verdade. As organizações deveriam existir para o bem-estar do homem, organizações não divididas pela nacionalidade, pela distinção de classes. Essa é a coisa fundamental que resolverá o problema imediato que confronta cada pessoa, o problema da exploração, o problema da fome. Podem insistir em que, da forma que as pessoas são, têm que estar limitadas pela autoridade. Mas se perceberem que a autoridade é perversora, mutiladora, então combaterão a autoridade; descobrirão novos métodos de educação que ajudem o homem a libertar-se, sem essa praga da distinção. Mas quando olham para a vida de um ponto de vista tacanho, egoísta, fanático, inevitavelmente farão uma pergunta como esta; fazem-na porque têm medo que aqueles sobre os quais têm autoridade já não lhes

obedeçam. Esta consideração sobre as massas, sobre a multidão, é muito superficial, falsa; surge do medo, e tem que conduzir inevitavelmente à exploração. Mas se verdadeiramente percebessem o significado da autoridade, da conformação à tradição, de se moldarem a um padrão, de condicionarem a sua mente e o seu coração por um princípio ou ideal, então ajudariam inteligentemente o homem a libertar-se deles. Então veriam a sua futilidade e o seu efeito degenerativo, não somente em vocês ou em alguns, mas em toda a raça humana. Por isso, ajudariam a libertar o poder criativo no homem, fosse em vocês próprios ou em qualquer outra pessoa. Deixariam de manter essa distinção artificial entre homem e homem, tal como superior ou inferior, evoluído ou não-evoluído. Mas isso não significa que haja ou que venha a haver igualdade; não existe tal coisa. Só existe o homem em realização. Mas a mente que cria distinção, porque pensa em si própria como separada, é uma mente exploradora, é uma mente cruel, e contra uma mente assim a inteligência sempre deverá estar em revolta.

Quarta Palestra

(1 de janeiro de 1934)

Krishnamurti foi engrinaldado por um membro da audiência que lhe desejou um feliz ano novo.

Krishnamurti: Obrigado. Tinha-me esquecido que é um novo ano. Desejo também a todos um feliz ano novo.

Na minha breve palestra desta manhã quero explicar como se pode descobrir por si próprio o que é a verdadeira satisfação. A maior parte das pessoas no mundo está aprisionada numa espécie de insatisfação, e está constantemente à procura de satisfação. Isto é, a sua procura de satisfação é uma procura de um oposto. Ora, a insatisfação, o descontentamento, surge do sentimento de vazio, do sentimento de solidão, de tédio, e quando têm essa insatisfação procuram preencher o vácuo, o vazio na sua vida. Quando estão insatisfeitos estão constantemente à procura de algo que substitua isso que lhes causa insatisfação, algo que sirva de substituto, algo que lhes dê satisfação. Voltam-se para uma série de consecuções, uma série de sucessos, para preencher o vazio doloroso na sua mente e no

seu coração. É isso o que a maior parte de vocês está tentando fazer. Se houver medo, procuram coragem que esperam lhes dê contentamento, felicidade. Nessa procura do oposto, estão sendo destruídos sentimentos profundos. Estão tornando-se cada vez mais superficiais, cada vez mais vazios, porque todo o seu conceito de satisfação, de felicidade, é um conceito de substituição. O anseio, o desejo ardente da maior parte das pessoas, é pelo oposto. No seu desejo ardente de consecução perseguem ideais espirituais, ou procuram ter títulos mundanos conferidos, e ambos significam exatamente a mesma coisa.

Tomemos um exemplo que talvez possa tornar o assunto mais claro; embora, para a maior parte, os exemplos sejam confusos e desastrosos para a compreensão, porque não dão uma percepção clara do abstrato, e a partir do qual somente se pode chegar ao prático. Suponham que eu desejo alguma coisa, e que através dos meus esforços eu finalmente a possuo. Mas essa posse não me dá a satisfação que eu esperava; não me dá uma felicidade duradoura. Assim, mudo o meu desejo para outra coisa, e possuo isso. Mas mesmo essa coisa nova não me dá satisfação permanente. Então me volto para o afeto, para a amizade; depois para as ideais, e finalmente volto-me para a procura da verdade ou de Deus. Esse processo gradual da mudança dos objetos de desejo é chamada evolução, crescimento em direção à perfeição. Mas se realmente pensarem sobre isso, verão que esse processo nada mais é que o progresso da satisfação, e por isso um vazio, uma superficialidade sempre crescente. Se prestarem atenção, verão que essa é a substância das suas vidas. Não há alegria no seu trabalho, no seu meio; têm medo, têm inveja das posses dos outros. Daqui surge a luta, e dessa luta surge o descontentamento. Depois, para vencer o descontentamento, para encontrar satisfação, voltam-se para o oposto. Da mesma maneira, quando mudam o seu desejo do assim chamado transitório, do não essencial, para o permanente, o essencial, o que fizeram foi apenas mudar de objeto da sua satisfação, de objeto do seu ganho. Primeiro era uma coi-

sa concreta, e agora é a verdade. Apenas mudaram o objeto dos seus desejos, tornando-se por isso mais superficiais, mais frívolos, mais vazios. A vida tornou-se insatisfatória, superficial, efêmera.

Não sei se concordam ou discordam com o que estou dizendo, mas se estiverem dispostos a pensar sobre isso, a discutir e a questionar, verão que o seu desejo ardente pela verdade, conforme tentei explicar durante estas palestras, é apenas o desejo de gratificação, de satisfação, de anseio por proteção, por segurança. Nesse desejo ardente nunca há realidade. O desejo ardente é superficial, passivo; resulta em nada mais do que em astúcia, em vazio, e em crença inquestionável. Existe um verdadeiro desejo ardente, um verdadeiro anseio; não é o desejo do oposto, mas o desejo de compreender a causa da própria coisa em que se está aprisionado. Ora, vocês estão constantemente procurando opostos; quando têm medo procuram a coragem como substituto do medo, mas esse substituto não os liberta realmente do medo. Fundamentalmente continuam a ter medo; apenas encobriram esse medo básico com a ideia de coragem. O homem que procura a coragem, ou qualquer outra virtude, está agindo superficialmente, ao passo que se tentasse compreender inteligentemente essa procura de coragem, ele seria conduzido à descoberta da própria causa do medo, o que o libertaria do medo, bem como do seu oposto. E esse não é um estado negativo: é a única maneira dinâmica, positiva, de viver.

Qual é, por exemplo, a sua preocupação imediata quando têm uma dor física? Querem alívio imediato, não querem? Não estão pensando no momento em que não sentiam dor, nem no momento em que não terão dor. Preocupam-se somente com o alívio imediato dessa dor. Estão à procura do oposto. Estão tão consumidos com essa dor que querem se libertar dela. Existe a mesma atitude quando todo o seu ser está consumido pelo medo. Quando tal medo surge, não lhe fujam. Lidem com ele completamente, com todo o seu ser, não tentem desenvolver coragem. Só então compreenderão a sua causa fundamental, desse modo libertando do medo a mente e

o coração. A civilização moderna ajudou a treinar a sua mente e coração a não sentirem intensamente. A sociedade, a religião, encorajaram-nos na direção do sucesso, deram-lhes esperança na obtenção. E nesse processo de sucesso e obtenção, nesse processo de consecução e de crescimento espiritual, diligentemente, cuidadosamente, destruíram a inteligência, a profundidade do sentimento.

Quando estão realmente sofrendo, como quando alguém que realmente amam morre, qual é a sua ação? Estão tão aprisionados nas emoções, nos seus sofrimentos, que no momento ficam paralisados de dor. E depois, o que acontece? Anseiam ter o seu amigo outra vez. Assim, procuram todas as maneiras e meios de chegar a essa pessoa. O estudo da vida depois da morte, a crença na reencarnação, a utilização de médiuns – tudo isto procuram para entrar em contato com o amigo que perderam. Portanto, o que aconteceu? A agudeza de mente e de coração que sentiram na sua dor tornou-se bronca, morreu.

Por favor, tentem acompanhar inteligentemente o que estou dizendo. Mesmo que possam acreditar na vida após a morte, por favor não fechem a sua mente e o seu coração àquilo que tenho para dizer. Desejam ter o amigo que perderam. Ora, essa mesma carência destrói a agudeza, a plenitude da percepção. Porque, afinal, o que é o sofrimento? O sofrimento é um choque para despertá-los, para ajudá-los a compreender a vida. Quando experimentam a morte, sentem absoluta solidão, a perda de apoio; são como o homem que foi privado das suas muletas. Mas se imediatamente procurarem muletas de novo, na forma de conforto, companhia, segurança, privam o choque do seu significado. Chega outro choque, e mais uma vez passam pelo mesmo processo. Assim, embora tenham muitas experiências durante a sua vida, os choques do sofrimento, que deveriam despertar a sua inteligência, a sua compreensão, são gradualmente embotados pelo seu desejo e procura de conforto. Portanto, usam a ideia da reencarnação, da crença na vida após a morte, como uma espécie de droga ou

anestésico. Não existe inteligência no fato de se voltarem para essa ideia. Estão apenas procurando uma fuga do sofrimento, um alívio da dor. Quando falam sobre a reencarnação, não estão ajudando o outro a compreender verdadeiramente a causa da dor; não o estão ajudando a libertar-se da mágoa. Estão só lhe dando um meio de fuga. Se o outro aceita o conforto, a fuga que lhe oferecem, os seus sentimentos tornam-se superficiais, vazios, porque ele se refugia na ideia da reencarnação. Devido a essa plácida garantia que lhe dão, ele deixa de sentir profundamente quando alguém morre, porque entorpeceu os seus sentimentos, insensibilizou os seus pensamentos.

Sendo assim, nessa procura de contentamento, de conforto, os seus pensamentos e sentimentos tornam-se superficiais, estéreis, triviais, e a vida torna-se uma concha vazia. Mas se virem o absurdo da substituição e perceberem a ilusão do contentamento, com a sua consecução, então há uma grande profundidade no pensamento e no sentimento; então a própria ação revela o significado da vida.

Pergunta: Há muitos sistemas de meditação e de autodisciplina adaptados a diversos temperamentos, e todos eles são destinados a cultivar e agudizar a mente ou as emoções, ou ambas; porque a utilidade e valor de um instrumento é maior ou menor conforme seja agudo ou embotado. Agora:

(1) Acha que todos esses sistemas são igualmente inúteis e perniciosos sem exceção?

(2) Como lidaria com as diferenças temperamentais dos seres humanos?

(3) Que valor tem para você a meditação com coração?

Krishnamurti: Diferenciemos entre concentração e meditação. Ora, quando falam de meditação, a maior parte de vocês refere-se à mera aprendizagem do truque da concentração. Mas a concentração não leva à alegria da meditação. Considerem o que acontece naquilo a que chamam meditação, que é apenas o processo de treinar a mente a concentrar-se num objeto ou ideia específicos. Excluem da sua mente todos os outros pensamentos ou imagens, exceto o que deliberadamente escolheram; tentam focar a sua mente nessa única ideia, imagem ou palavra. Ora, isso é mera contração do pensamento, mera limitação do pensamento. Quando outros pensamentos surgem durante esse processo de contração, vocês rejeitam-nos, põem-nos de parte. Assim, a sua mente torna-se cada vez mais limitada, cada vez menos elástica, cada vez menos livre. Por que querem se concentrar? Porque veem uma sedução, uma recompensa, que os espera em resultado da concentração. Querem tornar-se um discípulo, querem encontrar um Mestre, querem desenvolver-se espiritualmente, querem compreender a verdade. Assim, a sua concentração torna-se completamente destrutiva do pensamento e da emoção, porque consideram a meditação, a concentração, em termos de obtenção, em termos de fuga da perturbação.

Pensem nisso apenas por um momento, aqueles de vocês que praticaram meditação, concentração, durante anos. Têm forçado a sua mente a ajustar-se a um padrão específico, a conformar-se a uma imagem ou ideia específicas, a moldar-se de acordo com uma idiossincrasia ou com preconceitos específicos. Ora, todas as crenças, ideais, idiossincrasias, dependem do gosto-antipatia pessoal. A sua autodisciplina, a sua chamada meditação, é apenas um processo pelo qual tentam obter algo em troca. E esse algo em troca, essa procura de uma recompensa, também conta para o avultado número de membros das igrejas e das sociedades religiosas: essas instituições prometem um prêmio, uma recompensa aos seus seguidores

que fielmente adiram à sua disciplina. Onde existe controle, não existe meditação de coração. Quando procuram com o fito no ganho, na recompensa, a sua procura já terminou. Tomem, por exemplo, o caso de um cientista, um grande cientista, não um pseudocientista. Um verdadeiro cientista está continuamente experimentando sem procurar resultados. Na sua procura há aquilo a que chamamos resultados, mas ele não está limitado por esses resultados, porque está constantemente experimentando. Nesse preciso momento da experiência ele encontra felicidade. Essa é a verdadeira meditação. A meditação não é procurar um resultado, um subproduto. Tal resultado é meramente acidental, uma expressão exterior dessa grande busca que é extática, eterna. Ora, em vez de banir cada pensamento que surge, como fazem quando praticam a pretensa meditação, tentem compreender e viver no significado de cada pensamento, à medida que lhes surge; façam isso não num período específico, numa hora ou momento específicos do dia, mas durante todo o dia, continuamente. Nessa consciência compreenderão a causa de cada pensamento e o seu significado. Essa consciência libertará a mente dos opostos, da mesquinhez, da futilidade; nessa consciência há liberdade, plenitude de pensamento. É um movimento eterno, sem limitação, e aí existe a verdadeira alegria da meditação; aí há paz de viver. Mas quando procuram um resultado, a sua meditação torna-se fútil, vazia, como se demonstra pelos seus atos. Muitos de vocês meditaram durante anos. Que proveito isso lhes trouxe? Baniram o seu pensamento da sua ação. Em templos, em santuários, em capelas de meditação, encheram as suas mentes com a suposta imagem da verdade, de Deus, mas quando saem para o mundo, as suas ações nada exibem dessas qualidades que estão tentando alcançar. As suas ações são bem o oposto; são cruéis, exploradoras, possessivas, destrutivas. Assim, nessa procura de prêmio, de recompensa, diferenciaram entre pensamento e ação, fizeram uma divisão entre os dois, e a sua pretensa meditação é vazia, sem fundo, sem a profundidade do sentimento ou da grandeza do pensamento.

Se estiverem constantemente conscientes, plenamente conscientes à medida que surge cada pensamento e cada emoção, nessa chama a sua ação será o harmonioso resultado do pensamento e do sentimento. Essa é a alegria, a paz da verdadeira meditação, não esse processo de autodisciplina, torcendo, treinando a mente a conformar-se com uma atitude específica. Tal disciplina, tal distorção, significa apenas decadência, tédio, rotina, morte.

Pergunta: Durante a Convenção Teosófica na semana passada, vários líderes e admiradores da Dra. Besant falaram, prestando-lhe homenagem. Qual é o seu tributo e qual é a sua opinião dessa grande figura que foi uma mãe e uma amiga para você? Qual foi a atitude dela para você através dos muitos anos da tutela do senhor e do seu irmão, e também ulteriormente? Não lhe está grato pela sua orientação, formação, e cuidado?

Krishnamurti: O Sr. Warrington pediu-me amavelmente para falar sobre este assunto, mas eu disse-lhe que não queria fazê-lo. Agora não me condenem usando palavras tais como "tutela", "gratidão", etc. Senhores, o que posso dizer? A Dra. Besant foi nossa mãe, olhou por nós, interessou-se por nós. Mas houve uma coisa que ela não fez: nunca me disse "Faz isto", ou "Não faça aquilo". Deixou-me à vontade. Bem, nessas palavras prestei-lhe a maior homenagem. (Aplausos)

Sabem, os seguidores destroem os líderes, e vocês destruíram o seu. No seu seguimento de um líder, vocês o exploram; na sua utilização do nome da Dra. Besant tão constantemente estão apenas explorando-a. Estão explorando-a, a ela e a outros professores. O pior que jamais podem fazer a um líder é seguir esse líder. Sei que sensatamente acenam com as cabe-

ças em sinal de aprovação. Deixem-me apenas citar o seu nome e santificar a sua memória, e posso explorá-los, porque vocês querem ser explorados; querem ser usados como instrumentos, porque isso é mais fácil que pensarem por vocês próprios. Vocês são todos peças de engrenagem, peças de máquinas, sendo usados pelos exploradores. As religiões usam-nos em nome de Deus, as sociedades usam-nos em nome da lei, os políticos e os educadores usam-nos e exploram-nos. Os pretensos professores e guias religiosos exploram-nos em nome das cerimônias, em nome dos Mestres.

Estou apenas despertando-os para esses fatos. Podem fazer com eles o que quiserem: com isso não estou preocupado, porque eu não pertenço a qualquer sociedade, e provavelmente não voltarei aqui outra vez.

Comentário da audiência: Mas nós queremos que volte.

Krishnamurti: Por favor, não fiquem sentimentais com isso. Provavelmente alguns de vocês ficarão satisfeitos que eu não volte outra vez.

Comentário: Não.

Krishnamurti: Esperem um momento, por favor. Eu não quero que me peçam ou não me peçam para voltar. Isso não importa nada.

Senhores, estas duas coisas são totalmente diferentes: o que vocês estão pensando e fazendo, e o que eu estou dizendo e fazendo. As duas não podem combinar. Todo o seu sistema está baseado na exploração, no seguimento da autoridade, na crença, na religião e na fé. Não somente o seu sistema, mas os sistemas do mundo inteiro. Não posso ajudar aqueles de vocês que estão contentes com esse sistema. Quero ajudar aqueles que estão ansiosos por se afastar, por compreender. Naturalmente expulsar-me-

ão, porque me oponho a tudo o que amam, que consideram sagrado e que vale a pena. Mas a sua rejeição não me importará. Não estou ligado a este ou àquele lugar. Repito: o que vocês estão fazendo e o que eu estou fazendo são duas coisas totalmente diferentes que nada têm em comum.

Mas eu estava respondendo à questão sobre a Dra. Besant. A mente humana é preguiçosa, letárgica. Tem sido tão entorpecida pela autoridade, tão conformada, controlada, condicionada, que não pode se apoiar a si própria. Mas apoiar-se a si própria é o único caminho para compreender a verdade. Ora, estarão vocês realmente, fundamentalmente, interessados em compreender a verdade? Não, a maior parte de vocês não está. Só estão interessados em apoiar o sistema que agora sustêm, em encontrar substitutos, em procurar conforto e segurança; e nessa procura estão explorando os outros e sendo explorados. Não há nisso felicidade, não há riqueza, não há plenitude. Devido a que levam essa forma de vida, têm que escolher. Quando baseiam a sua vida seja na autoridade do passado ou na esperança do futuro, quando orientam as suas ações pela grandeza passada ou pelas ideias passadas de um líder, não estão vivendo; estão apenas imitando, agindo como uma peça de engrenagem numa máquina. E ai de tal pessoa! Para ela a vida não detém qualquer felicidade, qualquer riqueza, mas apenas superficialidade, vazio. Isto me parece tão claro que me surpreende que a questão surja tantas vezes.

Pergunta: Falou em termos claros no assunto da existência de Mestres e do valor das cerimônias. Posso fazer-lhe uma pergunta franca e direta? Está revelando-nos o seu próprio ponto de vista genuíno, sem qualquer reserva mental? Ou a maneira implacável da apresentação da sua opinião é apenas um teste à nossa devoção aos Mestres e à nossa lealdade para com

a Sociedade Teosófica à qual pertencemos? Por favor, exponha a sua resposta com franqueza, mesmo embora ela possa ser danosa para alguns de nós.

Krishnamurti: O que pensam que eu sou? Não lhes dei uma reação momentânea, disse-lhes o que realmente penso. Se desejarem usar isso como um teste para se fortalecerem, para se entrincheirarem nas suas velhas crenças, não o posso evitar. Disse-lhes o que pensava, francamente, diretamente, sem dissimulação. Não estou tentando fazer com que ajam de uma maneira ou de outra, não estou tentando seduzi-las para qualquer sociedade ou para uma forma específica de pensamento, não lhes aceno com uma recompensa. Disse-lhes com franqueza que os Mestres não são essenciais, que a ideia de Mestre nada mais é que um brinquedo para o homem que realmente procura a verdade. Não estou tentando atacar as suas crenças, tenho consciência de que sou aqui um convidado; esta é apenas a minha opinião franca, conforme já o declarei repetidas vezes.

Afirmo que onde há iniquidade há cerimônias, seja em Mylapore ou em Roma ou aqui. Mas por que discutir mais esse assunto? Conhecem o meu ponto de vista, visto que já o declarei repetidamente. Dei-lhes as minhas razões quanto à minha opinião em relação aos Mestres e às cerimônias. Mas porque vocês querem Mestres, porque gostam de efetuar cerimônias, porque tal desempenho lhes confere certo sentido de autoridade, de segurança, de exclusividade, continuam nas suas práticas. Continuam-nas com fé cega, com cega aceitação, sem razão, sem pensamento ou emoção verdadeira por trás dos seus atos. Mas dessa maneira nunca compreenderão a verdade; nunca conhecerão a cessação do sofrimento. Poderão encontrar esquecimento, olvido, mas nunca descobrirão a raiz, a causa do sofrimento e nunca se libertarão dele.

Pergunta: O senhor corretamente condena uma atitude hipócrita da mente e os sentimentos e ações que assim nascem dela. Mas, uma vez que diz que não nos julga, mas de alguma forma parece olhar essa atitude de alguns de nós como hipócrita, pode dizer-nos o que é que lhe dá tal impressão?

Krishnamurti: Muito simples. Falam de fraternidade, e contudo são nacionalistas. Eu chamo a isso hipocrisia, porque o nacionalismo e a fraternidade não podem coexistir. De novo falam da unidade do homem, falam sobre ela teoricamente, e, contudo, têm as suas religiões particulares, os seus preconceitos particulares, as suas distinções de classes. Eu chamo a isso hipocrisia. Ou, ainda, voltam-se para a autoglorificação, para a sutil autoglorificação, em vez de se voltarem para aquilo a que vocês chamam a grosseira autoglorificação dos homens mundanos que procuram distinções, concessões, honras governamentais. Vocês também são homens mundanos, e a sua autoglorificação é exatamente a mesma, apenas um pouco mais sutil. Vocês, com as suas distinções, as suas reuniões secretas, a sua exclusividade, também estão tentando tornar-se nobres, tentando alcançar honras e posição social, mas num mundo diferente. A isso eu chamo hipocrisia. É hipocrisia porque fingem ser abertos, porque falam da fraternidade e da unidade do homem, enquanto ao mesmo tempo os seus atos são totalmente o oposto das suas palavras. Se o fazem consciente ou inconscientemente isso não tem qualquer importância. O fato é que o fazem. Se o fizerem conscientemente, com um interesse plenamente desperto, então, pelo menos, fazem-no sem hipocrisia. Então sabem o que estão fazendo. Se disserem “Eu quero glorificar-me, mas uma vez que não posso obter distinções e honras neste mundo, tentarei adquiri-las noutro; tor-

nar-me-ei um discípulo, chamar-me-ão isto e aquilo, serei honrado como um homem de qualidades, um homem de virtude", então, pelo menos, são perfeitamente honestos. Então há alguma esperança de que venham a descobrir que esse processo não leva a lugar nenhum. Mas, agora, estão tentando fazer duas coisas incompatíveis ao mesmo tempo. São possessivos, e ao mesmo tempo falam da ausência de posse. Falam de tolerância, e, contudo, estão tornando-se cada vez mais exclusivos para "ajudar o mundo". Palavras, palavras sem profundidade. Isto é o que eu chamo hipocrisia. Num momento falam do amor a um Mestre, de reverência a um ideal, a uma crença, a um Deus, e, contudo, no momento seguinte agem com terrível crueldade. Os seus atos são atos de exploração, possessividade, nacionalismo, maus-tratos a mulheres e crianças, crueldade com os animais. A tudo isto são insensíveis, contudo falam de afeto. Não é isso hipocrisia? Dizem "Não notamos estas situações". Sim, é precisamente por isso que elas existem. Então por que falar de amor?

Portanto, para mim, as suas sociedades, as suas reuniões em que falam das suas crenças, dos seus ideais, são reuniões de hipocrisia. Não é assim? Não estou falando cruelmente, antes pelo contrário; vocês sabem o que sinto sobre o estado do mundo. Contudo, vocês que podem ajudar, vocês que dizem que querem ajudar, vocês que estão tentando ajudar, estão tornando-se cada vez mais tacanhos, cada vez mais intolerantes, sectários. Deixaram de gritar, de chorar, de sorrir. A emoção nada significa para vocês. Estão somente interessados no ganho interminável, na obtenção de conhecimento que é sufocante, que é meramente teórico, que é um vazio cego. O conhecimento nada tem a ver com a sabedoria. A sabedoria não pode ser comprada; é natural, espontânea, livre. Não é uma mercadoria que possam comprar do seu guru, do seu professor, ao preço da disciplina. A sabedoria, afirmo, nada tem a ver com o conhecimento. Contudo, procuram o conhecimento, e nessa procura de conhecimento, de ganho, estão perdendo o amor, todo o sentido de sentimento pela beleza, toda a sensibi-

lidade para com a crueldade. Estão tornando-se cada vez menos sensíveis.

Isso traz-nos a outra questão que talvez devêssemos discutir mais tarde, a questão das impressões e das reações. Estão enfatizando a consciência do ego, a limitação. Quando dizem “Faço isto porque gosto, porque me dá satisfação, prazer”, estou inteiramente com vocês, porque então compreenderão. Mas se disserem “Estou à procura da verdade; estou tentando ajudar a raça humana”, e se ao mesmo tempo aumentam a sua autoconsciência, a sua glória, então chamo a sua atitude e a sua vida uma hipocrisia, porque estão à procura de poder através da exploração de outros.

Pergunta: A verdadeira crítica, segundo o senhor, exclui a mera oposição, o que vem a dar o mesmo que dizer que ela exclui toda a queixa, tendência para criticar, ou crítica destrutiva. Não é então a crítica, no sentido que lhe dá, o mesmo que o pensamento puro direcionado para aquilo que está sendo considerado? Se assim é, como pode a capacidade para a verdadeira crítica ou pensamento puro ser estimulada ou desenvolvida?

Krishnamurti: Para despertar a tal verdadeira crítica sem oposição têm que saber primeiro que não são verdadeiramente críticos, que não estão pensando claramente. Esta é a primeira consideração. Para despertar o pensamento claro, tenho que saber primeiro que não estou pensando abertamente. Por outras palavras, tenho que me tornar consciente do que estou pensando e sentindo. Somente então posso saber se estou pensando verdadeiramente ou falsamente. Não é assim? Quando dizem que são críticos, estão apenas opondo-se através do preconceito, através do gosto e antipatia pessoais, através de reações emocionais. Nesse estado, dizem que estão pensando claramente, que são críticos. Mas afirmo que para serem inteli-

gentemente críticos têm que estar livres desse preconceito pessoal, dessa oposição pessoal. E para serem inteligentemente críticos, têm que compreender primeiro que o seu pensamento é influenciado, limitado, fanático, pessoal, mesmo que não tenham estado conscientes dessa dependência. Portanto primeiro têm que se tornar conscientes disso.

Veem como a tensão desta audiência desceu. Ou estão cansados, ou não estão tão interessados neste assunto como o estão nas cerimônias e nos Mestres. Não veem a importância da crítica porque as suas capacidades para duvidar, para questionar, foram destruídas através da educação, através da religião, através das condições sociais. Têm medo que a dúvida e a crítica arruínem a estrutura da crença que tão cuidadosamente edificaram. Sabem que as ondas da dúvida debilitarão o alicerce da casa que construíram nas areias da fé. Têm medo da dúvida e do questionamento. Eis porque o seu interesse, a sua tensão, abrandaram. Mas a tensão é necessária para a ação; sem uma tensão assim nada farão, seja no mundo físico ou no mundo do pensamento e do sentimento, que são todos um. Portanto, em primeiro lugar têm que se tornar conscientes de que estão pensando muito pessoalmente, que o seu pensamento é dominado pelo gosto e antipatia, pelas reações de prazer e dor. Agora dizem para si próprios: "Gosto da sua aparência; por isso seguirei o que ensina". Ou, de outro: "Não gosto das suas crenças, por isso não o escutarei. Nem mesmo tentarei descobrir se o que ele diz tem qualquer valor intrínseco; simplesmente opor-me-ei a ele". Ou, ainda: "Ele é um professor de autoridade, e por isso tenho que lhe obedecer". Através de tal pensamento, com tais atitudes, estão gradualmente, mas seguramente, destruindo todo o sentido de verdadeira inteligência, todo o pensamento criativo. Estão tornando-se máquinas cuja única atividade é a rotina, cuja única finalidade é o tédio e a ruína. Contudo, questionam porque sofrem, e procuram uma disciplina pela qual possam fugir a esse sofrimento.

Pergunta: Quais são as regras e princípios da sua vida? Uma vez que, presumivelmente, estão baseados na sua própria ideia de amor, beleza, verdade, e Deus, qual é essa ideia?

Krishnamurti: Quais são as minhas regras e princípios de vida? Nenhuns. Por favor, acompanhem o que eu digo, crítica e inteligentemente. Não objetem "Não devemos ter regras? Caso contrário, a nossa vida seria um caos". Não pensem em termos de opostos. Pensem intrinsecamente em relação ao que estou dizendo. Por que querem regras e princípios? Por que os querem, vocês que têm tantos princípios pelos quais moldam, controlam, orientam as suas vidas? Por que querem regras? "Porque", respondem vocês, "não podemos viver sem elas. Sem regras e princípios faríamos exatamente as coisas que quiséssemos fazer; poderíamos comer demais ou abusar do sexo, possuir mais do que deveríamos. Temos que ter princípios e regras pelas quais orientar as nossas vidas".

Por outras palavras, para se refrearem sem compreensão, têm que ter esses princípios e regras. Essa é toda a estrutura artificial das suas vidas – restrição, controle, refreamento –, porque por trás dessa estrutura está a ideia de ganho, de segurança, de conforto, que causa medo. Mas o homem que não está à procura de aquisitividade, o homem que não está aprisionado na promessa de recompensa ou na ameaça do castigo, não necessita de regras: o homem que tenta viver e compreender cada experiência completamente não precisa de princípios e regras, pois só as crenças condicionantes requerem conformidade. Quando o pensamento estiver liberto, incondicional, conhecer-se-á então como eterno. Querem controlar o pensamento, moldá-lo e dirigi-lo, porque estabeleceram uma meta, uma conclusão em direção à qual desejam ir, e essa finalidade é sempre o que desejam

que ela seja, embora a possam chamar Deus, perfeição, realidade. Perguntam-me a respeito da minha ideia de Deus, da verdade, da beleza, do amor. Mas eu digo: se alguém descrever a verdade, se alguém lhes disser a natureza da verdade, tenham cuidado com essa pessoa. Porque a verdade não pode ser descrita; a verdade não pode ser medida em palavras. Acenam as suas cabeças em assentimento, mas amanhã estarão de novo tentando medir a verdade, tentando encontrar uma descrição dela. A sua atitude com respeito à vida baseia-se no princípio de criar um molde, e depois se enquadrarem nesse molde. O Cristianismo oferece-lhes um molde, o Hinduísmo oferece outro, o Maometanismo, o Budismo, a Teosofia oferecem ainda outros. Mas, para que querem um molde? Por que prezam ideias preconcebidas? Tudo o que podem conhecer é a dor, o sofrimento e as alegrias transitórias. Mas querem fugir deles; não tentam compreender a causa da dor, a profundidade do sofrimento. Viram-se antes para o seu oposto para se consolarem. No seu sofrimento, dizem que Deus é amor, justiça, e moldam-se segundo esse padrão. Mas só podem compreender o amor quando deixarem de ser possessivos; da possessividade surge todo o sofrimento. Contudo, o seu sistema de pensamento e emoção está baseado na possessividade; assim, como podem saber do amor?

Portanto, a sua primeira preocupação será a de libertar a mente e o coração da possessividade, e só podem fazer isso quando essa possessividade se tornar um veneno para vocês, quando sentirem o sofrimento, a agonia que esse veneno causa. Agora estão tentando fugir desse sofrimento. Querem que eu lhes diga qual é o meu ideal de amor, o meu ideal de beleza, para que possam fazer dele outro padrão, outra norma, ou para comparar o meu ideal com o seu, esperando desse modo compreender. A compreensão não chega através da comparação. Eu não tenho nenhum ideal, nenhum padrão. A beleza não está separada da ação. A verdadeira ação é a própria harmonia de todo o seu ser. O que é que isso significa para vocês? Nada significa a não ser palavras vazias, porque as suas ações são desar-

moniosas, porque pensam uma coisa e fazem outra. Somente podem encontrar liberdade duradoura, verdade, beleza, amor, que são uma e a mesma coisa, quando deixarem de procurá-la. Por favor, tentem compreender o que estou dizendo. O que quero dizer só é sutil no sentido de que pode ser levado a cabo infinitamente. Eu digo que a sua própria procura está destruindo o seu amor, destruindo o seu sentido de beleza, de verdade, porque a sua procura é apenas uma fuga, uma evasão do conflito. E a beleza, o amor, a verdade, essa divindade da compreensão, não se encontram fugindo do conflito; residem no próprio conflito.

Quinta Palestra

(2 de janeiro de 1934)

Esta manhã quero explicar-lhes algo que requer um pensamento muito delicado; e espero que ouçam, ou, antes, tentem compreender o que vou dizer, não com oposição mas com crítica inteligente. Vou falar de um assunto que, se compreendido, se minuciosamente estudado, lhes dará uma perspectiva inteiramente nova da vida. Também lhes pediria que não pensassem em termos de opostos. Quando eu digo que a certeza é uma barreira, não pensem por isso que têm que ser indecisos; quando falo da futilidade da segurança, por favor não pensem que têm que procurar a insegurança. Quando realmente prestarem atenção, perceberão que a mente está constantemente à procura de certezas, de garantias; procura a certeza de uma meta, de uma conclusão, de um objetivo na vida. Vocês inquirem "Existe um plano divino, existe a predeterminação, não existe o livre arbítrio? Não podemos, apercebendo-nos desse plano, tentar compreendê-lo, orientar-nos por esse plano?" Por outras palavras, querem garantias, certeza, para que a mente e o coração possam se lhe moldar, possam se lhe conformar. E quando inquirem sobre o caminho para a verdade, estão realmente procurando garantia, certeza, segurança. Quando falam de um ca-

minho para a verdade, isso implica que a verdade, essa realidade viva, não esteja no presente, mas algures na distância, algures no futuro.

Ora, para mim, verdade é realização, e para a realização não pode haver qualquer caminho. Portanto, parece, pelos menos a mim, que a primeira ilusão em que são apanhados é esse desejo de garantia, esse desejo de certeza, essa interrogação sobre um caminho, uma maneira, um modo de viver pelo qual possam alcançar a meta desejada, que é a verdade. A sua convicção de que a verdade só existe no futuro distante implica imitação. Quando perguntam o que é a verdade, estão na realidade pedindo que lhes digam o caminho que leva à verdade. Então querem saber qual o sistema a seguir, qual o modo, qual a disciplina, para ajudá-los no caminho para a verdade. Mas, para mim, não há caminho para a verdade; a verdade não é para se compreender através de nenhum sistema, através de nenhum caminho. Um caminho implica uma meta, um fim estático, e por isso um condicionamento da mente e do coração por esse fim, o qual necessariamente requer disciplina, controle, aquisitividade. Essa disciplina, esse controle, torna-se um fardo; rouba-lhes a liberdade e condiciona a sua ação na vida diária. Inquirir sobre a verdade implica uma meta, um fim estático, que estão procurando. E o fato de procurarem uma meta mostra que a sua mente está à procura de garantia, de certeza. Para alcançar essa certeza, a mente deseja um caminho, um sistema, um método que possa seguir, e pensam encontrar essa garantia condicionando a mente e o coração através da autodisciplina, do autocontrole, do refreamento. Porém a verdade é uma realidade que não pode ser compreendida seguindo qualquer caminho. A verdade não é um condicionamento, uma conformação da mente e do coração, mas uma realização constante, uma realização na ação. O fato de inquirirem sobre a verdade implica que acreditem num caminho para a verdade, e essa é a primeira ilusão em que são apanhados. Há nisso um espírito de imitação, de distorção.

Agora, por favor, não digam “Sem um fim, um objetivo, a vida torna-

se caótica". Quero explicar-lhes a falsidade dessa ideia. Eu digo que toda a gente deve descobrir por si só o que é a verdade, mas isso não significa que cada um deva traçar um caminho para si, que cada um tenha que percorrer um caminho individual. Não significa isso de maneira nenhuma, mas significa sim que cada um deve compreender a verdade por si mesmo. Espero que vejam a diferença entre as duas coisas. Quando têm que compreender, que descobrir, que experimentar com a vida, um caminho torna-se um impedimento. Mas se tiverem que talhar um caminho para vocês, então há um ponto de vista individual, um estreito e limitado ponto de vista. A verdade é o movimento do eterno devir, portanto não é um fim, não é estática. Por isso, a procura de um caminho nasce da ignorância, da ilusão. Mas quando a mente é flexível, está liberta de crenças e memórias, está liberta do condicionamento da sociedade, então nessa ação, nessa flexibilidade, existe o movimento infinito da vida.

Um verdadeiro cientista, conforme disse no outro dia, é aquele que experimenta continuamente, sem um resultado em vista. Ele não procura resultados, que são apenas o derivado da sua busca. Portanto, quando estão procurando, experimentando, a sua ação torna-se apenas um derivado desse movimento. Um cientista que procura um resultado não é um verdadeiro cientista. Não está verdadeiramente procurando. Mas se ele estiver procurando sem a ideia de obtenção, então, embora possa ter resultados na sua busca, esses resultados são de importância secundária para ele. Ora, vocês estão preocupados com resultados, e por isso a sua procura não é viva, dinâmica. Vocês procuram um fim, um resultado, e por isso a sua ação se torna cada vez mais limitada. Somente quando procuram sem desejo de sucesso, de consecução, é que a sua vida se torna continuamente livre, rica. Isso não significa que na sua procura não haverá ação, não haverá resultado; significa que a ação, os resultados, não serão a sua primeira consideração. Tal como um rio rega as árvores que crescem nas suas margens, assim esse movimento de procura nutre as suas ações. A ação

cooperativa, a ação conjunta, é a sociedade. Querem criar a sociedade perfeita. Mas não pode existir tal sociedade perfeita, porque a perfeição não é um fim, uma culminação. A perfeição é realização, constantemente em movimento. A sociedade não pode viver de acordo com um ideal; nem o pode o homem, porque a sociedade é o homem. Se a sociedade tenta moldar-se de acordo com um ideal, se o homem tenta viver de acordo com um ideal, nenhum dos dois está verdadeiramente realizando-se; ambos estão em decadência. Mas se o homem estiver nesse movimento de realização, então a sua ação será harmoniosa, completa; a sua ação não será a mera imitação de um ideal.

Portanto, para mim, a civilização não é uma consecução, mas um movimento constante. As civilizações atingem determinado auge, existem durante um tempo, e depois declinam, porque nelas não há realização para o homem, mas somente a imitação constante de um padrão. Só há plenitude, realização, quando a mente e o coração estão em constante movimento de realização, de procura. Agora, não digam "Nunca haverá um fim para a procura?" Já não estão procurando uma conclusão, uma certeza; por isso viver não é uma série de culminações, mas um movimento contínuo, realização. Se a sociedade está apenas aproximando-se de um ideal, em breve decairá. Se a civilização for uma mera consecução de indivíduos concentrados como grupo, já está em processo de declínio. Mas se a sociedade, se a civilização, for o resultado desse movimento constante na realização, então perdurará, será a plenitude do homem. Para mim, a perfeição não é a consecução de uma meta, de um ideal, de um absoluto, através dessa ideia de progresso. A perfeição é a realização do pensamento, da emoção, e por isso da ação – realização essa que pode existir a todo o momento. Por isso, a perfeição está liberta do tempo; não é o resultado do tempo.

Bem, senhores, há muitas perguntas, e tentarei respondê-las o mais concisamente possível.

Pergunta: Se rebentasse uma guerra amanhã e a lei de recrutamento entrasse em vigor de imediato para obrigá-lo a pegar nas armas, alistar-se-ia no exército e gritaria: “às armas, às armas!” Como os líderes da Sociedade Teosófica fizeram em 1914. Ou se oporia à guerra?

Krishnamurti: Não nos preocupemos com o que os líderes Teosóficos fizeram em 1914. Onde há nacionalismo tem que haver guerra. Onde há vários governos soberanos tem que haver guerra. É inevitável. Pessoalmente, eu não me ligaria a atividades de guerra de nenhuma espécie, porque não sou nacionalista, não tenho espírito de classes, nem sou possessivo. Não me alistaria no exército nem ajudaria de qualquer forma. Não me juntaria a qualquer organização que existisse apenas com o propósito de curar os feridos e mandá-los de volta para o campo de batalha para serem feridos outra vez. Mas chegaria a um acordo sobre esses assuntos antes que a guerra ameaçasse.

Agora, pelo menos de momento, não há nenhuma guerra efetiva. Quando a guerra chega, faz-se propaganda inflamada, contam-se mentiras sobre o suposto inimigo; o patriotismo e o ódio são fomentados, as pessoas perdem a cabeça na suposta devoção ao seu país. “Deus está do nosso lado”, gritam, “e o diabo com o inimigo”. E durante os séculos têm gritado estas mesmas palavras. Ambos os lados lutam em nome de Deus; em ambos os lados os sacerdotes abençoam – ideia maravilhosa – o armamento. Agora até abençoarão os bombardeiros, tão consumidos estão por essa doença que cria a guerra: o nacionalismo, a sua própria classe ou a segurança individual. Portanto, enquanto estamos em paz – embora “paz” seja uma palavra estranha para descrever a mera cessação das hostilidades armadas –, enquanto não estamos, em qualquer caso, realmente a matar-nos uns aos

outros no campo de batalha, podemos compreender quais são as causas da guerra, e desembaraçar-nos dessas causas. E se forem claros na sua compreensão, na sua liberdade, com tudo o que essa liberdade implica - que podem ser mortos a tiro por se recusarem a seguir a mania da guerra –, então agirão verdadeiramente quando o momento chegar, seja qual for a sua ação. Sendo assim, a questão não é o que farão quando a guerra chegar, mas o que estão agora fazendo para impedir a guerra. Vocês, que estão sempre me gritando devido à minha atitude negativa, o que estão fazendo para exterminar a própria causa da guerra? Estou falando da verdadeira causa das guerras, não somente da guerra imediata que inevitavelmente ameaça enquanto cada nação armazena armamento. Enquanto existir o espírito do nacionalismo, o espírito da diferença de classes, da particularidade e da possessividade, tem que haver guerra. Não a podem evitar.

Se realmente estiverem enfrentando o problema da guerra, como deveriam estar agora, terão que tomar uma ação definitiva, uma ação definitiva e positiva; e pela sua ação ajudarão a despertar a inteligência, que é a única medida preventiva para a guerra. Mas para o fazerem, têm que se libertar dessa doença do "o meu Deus, o meu país, a minha família, a minha casa".

Pergunta: Qual é a causa do medo, particularmente do medo da morte? É possível ficar-se alguma vez completamente livre desse medo? Por que é que o medo existe universalmente, mesmo embora o senso comum seja contra ele, considerando que a morte é inevitável e é uma ocorrência perfeitamente natural?

Krishnamurti: Para aquele que se realiza constantemente não existe o

medo da morte. Se formos realmente completos a cada momento, a cada dia, então não conhecemos o medo do amanhã. Mas as nossas mentes criam a incompletude da ação, e portanto o medo do amanhã. Temos sido treinados pela religião, pela sociedade, para a incompletude, para a protelação, e isso nos serve de evasão ao medo, porque temos o amanhã para completar o que não podemos realizar hoje.

Mas só um momento, por favor. Gostaria que olhassem para este problema não a partir do pano de fundo das suas tradições, modernas ou antigas, nem através do seu comprometimento com a reencarnação, mas de uma forma muito simples. Então compreenderão a verdade, que os libertará completamente do medo. Para mim, a ideia da reencarnação é uma mera protelação. Mesmo embora possam acreditar profundamente na reencarnação, ainda têm medo e sentem mágoa quando alguém morre, ou temem a sua própria morte. Podem dizer "Viverei no outro lado; serei muito mais feliz, e farei melhor trabalho do que posso fazer aqui". Mas as suas palavras são apenas palavras. Não podem silenciar o medo torturante que está sempre no seu coração. Portanto, procuremos antes resolver esse problema do medo do que a questão da reencarnação. Quando tiverem compreendido o que é o medo, verão a insignificância da reencarnação; então nem mesmo precisaremos discuti-la. Não me perguntem o que acontece após a morte ao homem que é estropiado, ao homem que está cego na vida. Se compreenderem o ponto central, considerarão então essas questões inteligentemente.

Vocês têm medo da morte porque os seus dias são incompletos, porque nunca há realização nas suas ações. Não é assim? Quando a sua mente é aprisionada numa crença, uma crença no passado ou no futuro, não podem compreender a experiência na íntegra. Quando a sua mente é preconceituosa, não pode haver compreensão completa da experiência em ação. Por isso dizem que têm que ter o amanhã para completar essa ação, e têm medo que esse amanhã não chegue. Mas se puderem completar a ação

no presente, então a infinidade está perante vocês.

O que os impede de viver completamente? Por favor, não me perguntem como completar a ação, que é o lado negativo de olhar para a vida. Se eu lhes disser, então vocês apenas fariam a sua ação imitativa, e nisso não há plenitude. O que terão de fazer é descobrir o que os impede de viver completamente, infinitamente; e isso, descobrirão vocês, é essa ilusão de um fim, de uma certeza, na qual a mente está aprisionada, essa ilusão de alcançar uma meta. Se estiverem constantemente olhando para o futuro para alcançar, para obter, para serem bem-sucedidos, para conquistar, a sua ação no presente tem que ser limitada, tem que ser incompleta. Quando a sua ação se baseia na fé, essa ação não é realização; é apenas o resultado da fé. Portanto, há muitos impedimentos nas nossas mentes; há o instinto de possessividade, cultivado pela sociedade, e o instinto de não-possessividade, também cultivado pela sociedade. Quando há conformidade e imitação, quando a mente está limitada pela autoridade, não pode haver realização, e daqui surge o medo da morte, e os muitos outros medos que jazem escondidos no subconsciente. Fui claro na minha resposta? Trataremos de novo desse problema, de uma maneira diferente.

Pergunta: Como surge a memória, e quais são os diferentes tipos de memória? O senhor disse “No presente está contido o todo da eternidade”. Por favor, aprofunde mais essa declaração. Significa isso que o passado e o futuro não têm realidade subjetiva para o homem que vive integralmente no presente? Podem os erros passados, ou, como se lhes pode chamar, as lacunas na compreensão, ser ajustadas ou remediadas no presente sempre contínuo no qual a ideia de um futuro pode não ter lugar?

Krishnamurti: Se tiverem acompanhado a resposta anterior, verão como a memória surge. Se não compreenderem um incidente, se não viverem completamente uma experiência, então a memória desse incidente, dessa experiência, detém-se na sua mente. Quando têm uma experiência que não podem aprofundar totalmente, cujo significado não podem entender, então a sua mente retorna a essa experiência. Cria-se assim a memória. Nasce, por outras palavras, da incompletude da ação. E uma vez que têm várias camadas de memórias surgindo da incompletude da ação, nasce aquela autoconsciência a que chamam o ego, e que não é senão uma série de memórias, uma ilusão sem realidade, sem substância, quer aqui quer no plano mais elevado.

Existem várias espécies de memória. Por exemplo, existe a memória do passado, como quando se recordam de uma cena bela. Mas estarão interessados nisto? Vejo tantas pessoas olhando em redor. Se não estiverem realmente interessados em acompanhar isto, discutiremos nacionalismo e golfe ou tênis. (Risos) Ora bem, há a memória que está associada ao prazer de ontem. Isto é, desfrutaram de uma cena bonita; admiraram o pôr do sol ou a luz da lua nas águas. Depois, mais tarde, digamos que quando estão no escritório, a sua mente retorna a essa cena. Por quê? Porque, quando estão num meio desagradável e feio, quando a sua mente e o seu coração estão apanhados naquilo que não é agradável, a sua mente tem tendência para automaticamente voltar para a experiência agradável de ontem. Este é um tipo de memória. Em vez de alterarem as condições à sua volta, em vez de alterar o meio em seu redor, reevocam os passos de uma experiência agradável e residem nessa memória, suportando e tolerando o desagradável, porque sentem que não o podem alterar. Por isso o passado se detém no presente. Fui claro?

Depois, há a memória, agradável ou desagradável, que se precipita na mente mesmo apesar de não a quererem. Os incidentes passados não convidados chegam a sua mente porque vocês não estão absolutamente inte-

ressados no presente, porque não estão totalmente vivos para o presente. Outro tipo de memória é a relacionada com crenças, com princípios, com ideais. Todos os ideais e princípios estão realmente mortos, são coisas do passado. A memória dos ideais persiste quando não podem ir ao encontro do total movimento da vida ou compreendê-lo. Querem uma medida para aferir esse movimento, uma norma pela qual julguem a experiência; e à atuação na medida dessa norma chamam viver de acordo com um ideal. Porque não podem compreender a beleza da vida, porque não podem viver na sua plenitude, na sua glória, querem um ideal, um princípio, um padrão imitativo, que dê significado ao seu viver.

Mais, existe a memória da autodisciplina, que é a força de vontade. A força de vontade nada mais é que memória. Afinal, vocês começam a disciplinar-se através do padrão da memória. "Fiz isto ontem", dizem, "e decidi não o fazer hoje". Portanto, a ação, o pensamento, a emoção, na grande maioria dos casos, é inteiramente o resultado do passado; baseia-se na memória. Por isso tal ação nunca é realização. Deixa sempre uma cicatriz da memória, e a acumulação de muitas destas cicatrizes se torna a autoconsciência, o "eu", que está sempre os impedindo de compreender completamente. É um círculo vicioso, essa consciência do "eu".

Temos assim inúmeras memórias, memórias de disciplina e de força de vontade, de ideais e de crenças, de atrações agradáveis e de perturbações desagradáveis. Por favor, acompanhem o que estou dizendo. Não se deixem perturbar pelos outros. Se isto não lhes interessa, se as suas mentes estão constantemente vagueando, também podem ir-se embora. Eu posso continuar, mas o que digo nada significará para vocês se não estiverem ouvindo. Atuamos constantemente através deste véu de memórias, e por isso a nossa ação é incompleta. Por isso nos confortamos com a ideia de progresso; pensamos numa série de vidas tendendo em direção à perfeição. Assim, nunca temos um dia, um momento, de plenitude rica e com-

pleta, porque essas memórias estão sempre impedindo, restringindo, limitando, dificultando a nossa ação.

Voltando à pergunta: “Significa isso que o passado e o futuro não têm realidade subjetiva para o homem que vive integralmente no presente?” Não me façam essa pergunta. Se estiverem interessados, se quiserem erradicar o medo, se realmente quiserem viver amplamente, venerar o dia em que a mente estiver liberta do passado e do futuro, então saberão como viver completamente.

“Podem os erros passados, ou como se lhes podem chamar, as lacunas na compreensão, ser ajustadas ou remediadas no presente sempre contínuo no qual a ideia de um futuro pode não ter lugar?” Compreendem a pergunta? Como não li anteriormente esta pergunta, tenho que pensar à medida que vou avançando. Só podem remediar lacunas passadas na compreensão no presente, pelo menos, essa é a minha opinião. A introspecção, o processo de análise do passado, não produz compreensão, porque não podem ter compreensão de uma coisa morta. Só podem ter compreensão no presente sempre ativo, vivo. Esta pergunta abre um vasto campo, mas não quero entrar em pormenores agora. É somente no momento do presente, no momento de crise, no momento de enorme e intenso questionamento nascido da ação total, que as lacunas passadas na compreensão podem ser solucionadas, destruídas; isto não pode ser feito investigando o passado, examinando as suas ações passadas.

Deixem-me pegar num exemplo que, espero, tornará o assunto mais claro para vocês. Suponham que têm preconceitos de classe e não têm consciência disto. Mas o treino nessa consciência de classes, a sua memória, permanece com vocês, continua a ser uma parte de vocês. Ora, para libertarem a mente dessa memória ou treino, não se virem para o passado e digam “Vou examinar a minha ação para ver se essa ação está limitada pela consciência de classes”. Não façam isto, mas antes, nos seus sentimentos, nas suas ações, estejam plenamente conscientes, e então esta

memória de consciência de classes precipitar-se-á na sua mente; nesse momento de inteligência desperta, a mente começa a libertar-se da sua dependência. Mais uma vez, se forem cruéis – e a maior parte das pessoas não tem consciência da sua crueldade –, não examinem as suas ações para descobrir se são cruéis ou não. Dessa maneira nunca descobrirão, nunca compreenderão; porque então a mente estará constantemente prestando atenção à crueldade e não à ação, e estará por isso destruindo a ação. Mas se estiverem plenamente conscientes na sua ação, se a sua mente e coração estiverem completamente vivos na ação, no momento da ação verão que são cruéis. Assim descobrirão a causa real, a própria raiz da crueldade, não os meros incidentes da crueldade. Mas só podem fazer isto na plenitude da ação, quando estão totalmente conscientes na ação. As lacunas na compreensão não podem ser colmatadas através da introspecção, através do exame, ou através da análise de um incidente passado. Isto só pode ser feito no momento da própria ação, que deverá ser sempre intemporal.

Não sei quantos de vocês compreenderam isto. O problema é na realidade muito simples, e tentarei explicá-lo de uma forma mais simples. Não estou usando termos filosóficos ou técnicos, porque não conheço nenhum. Falo com a linguagem do dia a dia. A mente está habituada a analisar o passado, a dissecar a ação para compreendê-la. Mas afirmo que não podem compreender desta maneira, porque tal análise limita a ação. Podem ver-se exemplos concretos de tal limitação da ação aqui na Índia e em qualquer outro lado, casos em que a ação quase cessou. Não tentem analisar a sua ação. Se quiserem descobrir se têm consciência de classes, se são autocorretos, se são nacionalistas, intolerantes, limitados pela autoridade, imitativos – se estão realmente interessados em descobrir estes impedimentos -, então se tornem antes plenamente conscientes, tornem-se conscientes do que estão fazendo. Não sejam apenas observantes, não olhem para a sua ação apenas objetivamente, a partir do exterior, mas tornem-se plenamente conscientes, tanto mentalmente como emocionalmente, cons-

cientes com todo o seu ser no momento da ação. Então verão que as muitas memórias impeditivas se precipitarão na sua mente e os impedirão de atuar plenamente, completamente. Nessa consciência, nessa chama, a mente será capaz, sem esforço, de se libertar desses obstáculos passados. Não me perguntem "Como?" Simplesmente tentem. As suas mentes estão sempre pedindo um método, perguntando como fazer isto ou aquilo. Mas não há nenhum "como". Experimentem, e descobrirão.

Pergunta: Uma vez que a entrada dos Harijans nos templos ajuda a acabar com uma das muitas formas de divisão entre homem e homem que existem na Índia, apoia este movimento que está sendo zelosamente defendido atualmente neste país?

Krishnamurti: Ora, por favor, compreendam que eu não estou atacando qualquer personalidade. Não perguntem "Está atacando Ghandiji?" etc. Não penso que o problema da diferença de classes na Índia ou em qualquer outro lugar seja resolvido por se permitir que os Harijans entrem nos templos. A diferença de classes só cessa quando já não houver mais templos, mais igrejas, quando não houver mesquitas e não houver sinagogas; porque a verdade, Deus, não está numa pedra, numa imagem esculpida; não está contida entre quatro paredes. Essa realidade não está em nenhum desses templos, nem reside em qualquer das cerimônias efetuadas neles. Portanto, por que incomodarem-se por causa de quem entra e quem não entra nesses templos?

Muitos de vocês sorriem e concordam, mas não sentem essas coisas. Não sentem que a realidade está em todo o lado, em vocês, em todas as coisas. Para vocês, a realidade é um símbolo, seja ele Cristão ou Budista,

esteja ele associado a uma imagem ou a nenhuma imagem. Mas a realidade não é um símbolo. A realidade não tem símbolo. Ela é. Não a podem esculpir numa imagem, limitá-la por uma pedra ou por uma cerimônia ou por uma crença. Quando estas coisas já não existirem, as discórdias entre os homens cessarão, bem como quando o nacionalismo – que tem sido cultivado através dos séculos com objetivos de exploração – já não existir, não haverá mais guerras. Os templos, com todas as suas superstições, com os seus exploradores, os sacerdotes, foram criados por vocês. Os sacerdotes não podem existir sozinhos. O sacerdócio pode existir como um meio de vida, mas isso em breve desaparecerá quando as condições econômicas mudarem, e os sacerdotes alterarem o seu ofício. A causa, a raiz de todas essas coisas, dos templos, do nacionalismo, da exploração, da possessividade, reside no seu desejo de segurança, de conforto. A partir da sua própria aquisitividade, criam inúmeros exploradores, sejam eles capitalistas, sacerdotes, professores ou gurus, e tornam-se explorados. Enquanto essa aquisitividade, essa autossegurança, existir, haverá guerras, haverá diferença de castas.

Não podem se livrar do veneno apenas discutindo, falando, organizando. Quando vocês, como indivíduos, despertarem para o absurdo, para a falsidade, a hediondez de todas essas coisas, quando realmente sentirem dentro de vocês a grosseira crueldade de tudo isso, só então criarão organizações das quais não se tornem escravos. Mas, se não despertarem, nascerão organizações que os farão seus escravos. É isso o que está acontecendo em todo o mundo. Por amor de Deus, despertem para essas coisas, pelo menos aqueles de vocês que pensam! Não inventem novas cerimônias, não criem novos templos, novas ordens secretas. Eles são apenas outras formas de exclusividade. Não pode haver compreensão, sabedoria, enquanto existir esse espírito de exclusividade, enquanto estiverem voltados para o ganho, para a segurança. A sabedoria não está na proporção do progresso. A sabedoria é espontânea, natural; não pode resultar do

progresso; existe na realização. Portanto, muito embora todos vocês, Brâmanes e não Brâmanes, sejam autorizados a entrar em templos, isso não dissolverá as diferenças de classe. Porque vocês irão mais tarde que os Harijans; lavar-se-ão mais cuidadosamente ou menos cuidadosamente. Esse veneno da exclusividade, essa influência perniciosa nos seus corações, não foi extirpada, e ninguém a vai extirpar por vocês. O comunismo e a revolução podem chegar e acabar com todos os templos deste país, mas esse veneno continuará a existir, só que de uma forma diferente. Não é assim? Não acenem as suas cabeças em sinal de concordância, porque no momento seguinte estarão fazendo precisamente o contrário do que estou falando. Não os estou julgando. Só há uma maneira de atacar esses problemas, que é fundamentalmente, não superficialmente, sintomaticamente. Se os abordarem fundamentalmente, tem que haver uma revolução tremenda; o pai erguer-se-á contra o filho, o irmão contra o irmão. Será um tempo de luta, de estado de guerra, não de paz, porque há tanta corrupção e decadência. Mas todos vocês querem paz, querem tranquilidade a qualquer custo, com todo esse veneno ulceroso nos seus corações e mentes.

Digo-lhes que quando um homem procura a verdade ele é contra todas essas crueldades, barreiras, explorações; ele não lhes oferece conforto; ele não lhes traz paz. Pelo contrário, ele luta porque vê as muitas falsas instituições, as situações corruptas que existem. Eis porque digo que, se estão à procura da verdade, têm que estar sozinhos – pode ser contra a sociedade, contra a civilização. Mas infelizmente poucas pessoas estão verdadeiramente procurando. Não estou julgando-os. Estou dizendo que as suas próprias ações deveriam revelar-lhes que estão edificando mais que destruindo esses muros da diferença de classes; que estão salvaguardando mais que os demolindo, acalentando-os mais que os dilacerando, porque estão continuamente à procura de autoglorificação, segurança, conforto, de uma forma ou de outra.

Pergunta: Não se pode alcançar a libertação e a verdade, este cambiante e eterno movimento da vida, mesmo embora se pertença a uma centena de sociedades? Não se pode ter liberdade interior, deixando os elos exteriormente intactos?

Krishnamurti: A realização da verdade nada tem a ver com qualquer sociedade. Por isso, pode pertencer ou pode não pertencer. Mas se está usando as sociedades, corpos sociais ou religiosos, como um meio de compreender a verdade, ficará com um amargo na boca.

"Não se pode ter liberdade interior, deixando os elos exteriormente intactos?" Sim, mas ao longo desse caminho residem o engano, a autoilusão, a astúcia e a hipocrisia, a menos que se seja extremamente inteligente e se esteja constantemente desperto. Podem dizer "Eu efetuo todas estas cerimônias, pertenço a várias sociedades, porque não quero cortar a minha ligação com elas. Sigo gurus, que sei que é absurdo, mas quero ter paz com a minha família, viver harmoniosamente com o meu próximo e não trazer discórdia a um mundo já confuso". Mas temos vivido em tais enganos durante tanto tempo, as nossas mentes tornaram-se tão astuciosas, tão sutilmente hipócritas, que agora não podemos descobrir ou compreender a verdade, a menos que cortemos esses laços. Embotamos de tal modo as nossas mentes e corações que, a menos que cortemos os laços que nos prendem, e por esse motivo criemos um conflito, não podemos descobrir se estamos verdadeiramente livres ou não. Mas um homem de verdadeira compreensão – e há muito poucos – descobrirá por si mesmo. Então não haverá elos que ele deseje reter ou quebrar. A sociedade o desprezará, os seus amigos o deixarão, as suas relações nada terão a ver com ele; todos

os elementos negativos se afastarão dele, ele não terá que se afastar deles. Mas esse rumo significa percepção sábia; significa realização na ação, não protelação. E o homem protelará enquanto a mente e o coração estiverem aprisionados no medo.

Sexta Palestra

(3 de janeiro de 1934)

Como esta é a minha última palestra aqui, responderei primeiro às questões que me foram colocadas, e depois concluirei com uma pequena palestra. Mas antes de responder às perguntas, gostaria de agradecer novamente ao Sr. Warrington, o presidente interino, por me ter convidado para falar em Adyar, e pela sua grande amizade.

Conforme disse no início das minhas palestras, não estou realmente interessado em atacar a sua sociedade. Ao dizer isto, não estou voltando atrás com o que disse. Penso que todas as organizações espirituais são um impedimento para o homem, porque não se pode encontrar a verdade através de nenhuma organização.

Pergunta: Qual é o rumo mais sábio a tomar – proteger e dar abrigo aos ignorantes pelo conselho e orientação, ou deixá-los descobrir através da sua própria experiência e sofrimento, mesmo embora lhes possa levar

uma vida inteira a libertarem-se dos efeitos de tal experiência e sofrimento?

Krishnamurti: Eu diria que nenhum; eu diria que os ajudassem a ser inteligentes, o que é uma coisa completamente diferente. Quando querem guiar e proteger os ignorantes, estão realmente dando-lhes o refúgio que criaram para vocês mesmos. E enveredar pelo ponto de vista oposto, isto é, deixá-los andar à deriva através das experiências, é igualmente insensato. Mas podemos ajudar os outros através da educação – não através dessa doença moderna a que chamamos educação, esse passar por exames e universidades. Não chamo a isso educação de modo nenhum. É apenas imbecilizar a mente. Mas essa é uma questão diferente. Se pudermos ajudar os outros a se tornarem inteligentes, isso é tudo o que precisamos fazer. Mas essa é a coisa mais difícil do mundo, porque a inteligência não oferece refúgio das lutas e das confusões da vida, nem dá conforto; somente cria compreensão. A inteligência é livre, sem entraves, sem medo ou superficialidade. Podemos ajudar os outros a se libertarem de aquisitividade, das muitas ilusões e impedimentos que os aprisionam, somente quando começarmos a nos libertar. Mas temos esta extraordinária atitude de querer melhorar as massas enquanto somos ainda ignorantes, enquanto estamos ainda presos às superstições, à aquisitividade. Quando começarmos a libertar-nos, então ajudaremos os outros natural e verdadeiramente.

Pergunta: Embora eu concorde com você quanto à necessidade de o indivíduo descobrir as superstições, e mesmo as religiões como tal, não acha que um movimento organizado nessa direção é útil e necessário, particularmente porque na sua ausência os poderosos direitos adquiridos, no-

meadamente, os pontífices em todos os locais principais de peregrinação, continuarão a explorar aqueles que estão ainda presos às superstições e aos dogmas e crenças religiosas? Uma vez que não é um individualista, porque não fica conosco e espalha a sua mensagem, em vez de ir para outras terras e voltar a nós quando as suas palavras forem provavelmente esquecidas?

Krishnamurti: Conclui portanto que as organizações são necessárias. Explicarei o que quero dizer com organizações. Tem que haver organizações para o bem-estar dos homens, o bem-estar físico do homem, mas não com o objetivo de conduzi-lo à verdade. Porque a verdade não é para ser encontrada através de nenhuma organização, por nenhum caminho, por nenhum método. Ajudar meramente o homem, através de uma organização, a destruir as suas superstições, as suas crenças, os seus dogmas, não lhe dará compreensão. Ele apenas criará novas crenças no lugar das antigas que vocês destruíram.

É isto o que está acontecendo em todo o mundo. Vocês destroem um conjunto de crenças, e o homem cria outro; vocês retiram um determinado templo, ele cria outro. Mas se os indivíduos, a partir da sua compreensão, criarem inteligência à sua volta, se criarem compreensão à sua volta, então as organizações nascerão naturalmente. Ora, nós começamos primeiro com as organizações e depois dizemos "Como podemos viver e ajustarnos a todas as exigências destas organizações?" Por outras palavras, pomos as organizações em primeiro lugar e depois os indivíduos. Vi isto em cada sociedade: os indivíduos são postos de lado ao passo que a organização, essa coisa misteriosa em que todos vocês trabalham, se torna uma força, um poder esmagador para a exploração. Eis porque sinto que a ausência de superstições, de crenças e de dogmas, só pode começar com o indivíduo. Se o indivíduo realmente compreende, então através da sua compreensão, através da ação dessa compreensão, ele naturalmente criará or-

ganizações que não serão instrumentos de exploração. Mas se pusermos a organização em primeiro lugar, como faz a maior parte das pessoas, não estamos destruindo a superstição mas apenas criando substituições.

Tomemos, por exemplo, o instinto possessivo. A lei santifica-os, abençoa-os, na posse da sua mulher, dos seus filhos, e das suas propriedades; ela honra-os. Depois, se o comunismo chegar, ela honrará a pessoa que nada possui. Ora, para mim, ambos os sistemas são a mesma coisa; são o mesmo em termos contrários, em oposição. Quando vocês são forçados a determinada ação, conformados, moldados pela circunstância, pela sociedade, por uma organização, nessa ação não há compreensão. Estão apenas trocando de mestres. As organizações resultarão normalmente se houver pessoas que sentem verdadeiramente e são inteligentes sobre essas coisas. Mas se só estiverem preocupados com a organização, destroem aquele sentimento vital, aquele pensamento inteligente e criativo, porque têm que considerar a organização, o rendimento da organização, e as crenças nas quais está fundada a organização. Têm que considerar todos os compromissos, e por isso nem vocês nem a organização serão jamais fluidos, vivos, flexíveis. A sua organização é muito mais importante para vocês que a liberdade. Se realmente pensarem sobre isto, verão. Alguns indivíduos criam organizações a partir do seu entusiasmo, do seu animado interesse, e o resto das pessoas ajustam-se a essas organizações e tornam-se escravos delas.

Mas se houvesse inteligência criativa – que mal existe neste país, porque todos vocês são seguidores, dizendo “Diga-me o que fazer, que disciplina, que método seguir”, como os carneiros –, se fossem realmente livres, se tivessem inteligência criativa, então daí chegariam à ação; atacariam o problema de modo fundamental, isto é, através da educação, através das escolas, através da literatura, através da arte; não através desta perpétua conversa sobre organizações. Para ter escolas, para ter o tipo correto de educação, têm que ter organização; mas tudo isso virá naturalmente se

os indivíduos, se algumas pessoas, estiverem verdadeiramente despertas, se forem verdadeiramente inteligentes.

“Uma vez que não é um individualista, porque não fica conosco e espalha a sua mensagem em vez de ir para outras terras e voltar a nós quando as suas palavras forem provavelmente esquecidas?” Prometi desta vez ir a outros países, África do Sul, Austrália, Estados Unidos. Mas quando voltar pretendo ficar muito tempo na Índia. (Aplauso) Não se incomodem a aplaudir. Nessa altura quero fazer as coisas de maneira muito diferente.

Pergunta: O que vem primeiro, o indivíduo ou a organização?

Krishnamurti: Isso é muito simples. Estão interessados em fazer um trabalho de remendos, o que implica a modificação do nacionalismo, da diferença de classes, da possessividade, da herança, a luta sobre quem deve entrar nos templos, em fazer uma pequena alteração aqui e ali, ou desejam uma mudança completa, radical? Essa mudança significa ausência de autoconsciência, do “eu” limitado que cria o nacionalismo, o medo, as diferenças, a possessividade. Se perceberem fundamentalmente a falsidade dessas coisas, então chega a verdadeira ação. Portanto, têm que compreender e atuar. Tal como são, estão apenas glorificando a autoconsciência, e eu sinto que basicamente todas as sociedades religiosas estão fazendo isso, embora em teoria, nos livros, os seus ensinamentos possam ser diferentes. Sabem, muitas vezes me disseram que os Upanishads estão de acordo com o que eu digo. As pessoas dizem-me “Está dizendo exatamente o que Buda disse, o que Cristo disse”, ou “Fundamentalmente está ensinando aquilo que os Teosofistas representam”. Mas isso é tudo teoria. Têm que pensar realmente sobre isto, têm que ser realmente honestos, francos.

Quando digo “honestos”, “francos”, não quero dizer sinceros, porque um tolo pode ser sincero.(Respondendo a uma interrupção)

Por favor, acompanhem isto. Um lunático que se atém inabalavelmente a uma ideia, a uma crença, é sincero. A maioria das pessoas é sincera, só que tem inúmeras crenças. Em vez de uma, têm muitas, e estão tentando ser sinceras ao manterem-se fiéis a elas. Se forem realmente francos, honestos, verão que todo o seu pensamento e ação se baseiam nesse trabalho de remendos, nessa consciência limitada, nessa autoglorificação, nesse desejo de se tornarem alguém tanto no mundo espiritual como no mundo físico. Se atuarem e trabalharem com esta atitude, então o que fizerem conduz ao trabalho de remendos; mas se atuarem verdadeiramente, então para vocês toda esta estrutura desaba. Querem para si próprios glorificação, querem proteção, querem segurança, querem conforto; portanto têm que decidir fazer uma coisa ou outra; não podem fazer ambas. Se francamente, honestamente, procurarem obter segurança e conforto, então descobrirão o seu vazio. Se forem realmente honestos com respeito a esta autoglorificação, então perceberão a sua futilidade. Mas, infelizmente, as nossas mentes não são claras. Somos preconceituosos, somos influenciados; a tradição e o hábito atam-nos. Temos inúmeros compromissos. Temos organizações a manter. Comprometemo-nos com certas ideais, com certas crenças. E a economia representa um enorme papel nas nossas vidas. Dizemos “Se eu pensar de modo diferente dos meus sócios, dos meus vizinhos, posso perder o meu emprego. Então como poderia ganhar a vida?” Portanto continuamos como antes. É a isto que chamo hipocrisia, não enfrentar os fatos diretamente.

Percebam verdadeiramente e atuem; a ação segue a percepção, são inseparáveis. Descubram o que desejam fazer, remendos ou ação completa. Agora estão colocando ênfase no trabalho, e por isso primeiramente nos remendos.

Pergunta: A reencarnação explica muito o que, de outra forma, está cheio de mistério e de confusão na vida. Mostra, entre outras coisas, que as relações pessoais grandemente estimadas de qualquer encarnação não continuam necessariamente na seguinte. Assim, estranhos são por sua vez relações nossas e vice-versa; isto revela a afinidade da alma humana, um fato que, se devidamente compreendido, deveria ser vantajoso para a verdadeira fraternidade. Por isso, se a reencarnação é uma lei natural e o senhor sabe que assim é; ou, igualmente, se sabe que não existe tal lei, por que não dizê-lo? Por que é que prefere sempre deixar, nas suas respostas, este assunto tão importante e interessante, rodeado com o halo de mistério?

Krishnamurti: Não acho que seja importante; não acho que resolva nada fundamentalmente. Não acho que os faça compreender essa unidade fundamental, viva, única, que não é a unidade da uniformidade. Vocês dizem "Eu casei com alguém na vida passada, e estou casado com uma pessoa diferente nesta vida; não ocasiona isto um sentimento de fraternidade, ou de afeto, ou de unidade?" Que maneira extraordinária de pensar! Preferem a fraternidade de um mistério à fraternidade da realidade. Seriam afetuosos devido ao relacionamento, não porque o afeto é natural, espontâneo, puro. Querem acreditar porque a crença os conforta. Eis por que há tantas diferenças de classes, guerras, e a utilização constante dessa palavra absurda "tolerância". Se não tivessem nenhuma divisão de crenças, nenhum conjunto de ideais, se fossem realmente seres humanos completos, então haveria verdadeira fraternidade, verdadeiro afeto, não essa coisa artificial a que chamam fraternidade.

Tratei da questão da reencarnação tantas vezes que agora falarei dela

apenas brevemente. Podem não considerar de nenhum modo o que digo; ou podem examiná-lo, conforme quiserem. Receio que não o considerem – embora isso não importe –, porque estão comprometidos com determinadas ideias, com determinadas organizações, limitados pela autoridade, pelas tradições. Para mim, o ego, essa consciência limitada, é o resultado do conflito. Inerentemente não tem valor; é uma ilusão. Nasce através da falta de compreensão que, por sua vez, cria conflito, e desse conflito cresce a autoconsciência ou a consciência limitada. Não podem aperfeiçoar essa autoconsciência através do tempo; o tempo não liberta a mente dessa consciência.

Por favor, não se enganem: o tempo não os libertará dessa autoconsciência, porque o tempo é apenas a protelação da compreensão. Quanto mais protelarem uma ação, menos a compreenderão. Só estão conscientes quando há conflito; e no êxtase, na verdadeira percepção, há ação espontânea em que não há conflito. Não estão então conscientes de vocês próprios como uma entidade, como o "eu". Contudo, desejam proteger essa acumulação de ignorância a que chamam o "eu", essa acumulação da qual brota a ideia de mais e mais, esse centro de desenvolvimento que não é a vida, que é apenas uma ilusão. Portanto, enquanto contam com o tempo para originar perfeição, a autoconsciência apenas cresce. O tempo nunca os libertará dessa autoconsciência, dessa consciência limitada. O que libertará a mente é a plenitude de compreensão na ação; isto é, quando a sua mente e coração estiverem a atuar harmoniosamente, quando já não forem preconceituosos, acorrentados a uma crença, limitados por um dogma, pelo medo, pelos falsos valores, então haverá liberdade. E essa liberdade é o êxtase da percepção.

Sabem, seria realmente de grande interesse se um de vocês que acredita tão fundamentalmente na reencarnação discutisse o assunto comigo. Discuti-o com muitas pessoas, mas tudo o que elas são capazes de dizer é "Nós acreditamos na reencarnação, ela explica tantas coisas"; e isso resol-

ve a questão. Não se pode discutir com pessoas que estão convencidas das suas crenças, que têm a certeza do seu conhecimento. Quando um homem diz que sabe, o assunto terminou; e vocês adoram o homem que diz "Eu sei", porque a sua declaração positiva, a sua certeza, lhes dá conforto, refúgio. Se acreditam na reencarnação ou não me parece um assunto muito trivial; essa crença é como um brinquedo, é agradável; não resolve coisa nenhuma, porque é apenas uma protelação. É apenas uma explicação, e as explicações são como a poeira para o homem que está à procura. Mas infelizmente estão sufocados com a poeira, têm explicações para tudo. Para cada sofrimento têm uma explicação lógica, conveniente. Se um homem é cego, tornam compreensível o seu duro fado nesta vida pela reencarnação. As desigualdades na vida explicam-nas satisfatoriamente pela reencarnação, pela ideia de evolução. Portanto, com as explicações, vocês resolveram as muitas questões respeitantes ao homem, e deixaram de viver. A plenitude da vida impede todas as explicações. Para o homem que está realmente sofrendo, as explicações são o mesmo que pó e cinzas. Mas para o homem que procura conforto, as explicações são necessárias e excelentes. Não existe tal coisa como o conforto. Existe só compreensão, e a compreensão não está limitada por crenças ou por certezas.

Vocês dizem "Eu sei que a reencarnação é verdade". Bem, e depois? A reencarnação, isto é, o processo de acumulação, de crescimento, de obtenção, é apenas o fardo do esforço, a continuação do esforço; e afirmo que há uma maneira de viver espontaneamente, sem essa luta constante, e essa é pela compreensão, que não é o resultado da acumulação do desenvolvimento. Essa compreensão, essa percepção, vem àquele que não está limitado pelo medo, pela autoconsciência.

Pergunta: O homem que permanece impassível em face dos perigos e das adversidades na vida, tal como a oposição do seu semelhante a um rumo de ação, é sempre um homem de força de vontade inabalável e de caráter sólido. As escolas públicas na Inglaterra e em qualquer outra parte reconhecem a importância de desenvolver a força de vontade e o caráter, que são geralmente considerados como o melhor equipamento para embarcar na vida, porque a força de vontade assegura o sucesso, e o caráter assegura a sanção moral. O que tem a dizer sobre a força de vontade e o caráter, e qual é o seu valor para o indivíduo?

Krishnamurti: A primeira parte desta pergunta serve de pano de fundo da pergunta propriamente dita, que é "O que tem a dizer sobre a força de vontade e o caráter, e qual é o seu valor para o indivíduo?" Nenhum, do meu ponto de vista. Mas isso não significa que tenham que ser desprovidos de força de vontade, de caráter. Não pensem em termos de opostos. O que querem dizer com força de vontade? A força de vontade é o resultado da resistência. Se não compreendem uma coisa, querem conquistá-la. Toda a conquista não é senão escravidão, e por isso resistência; e dessa resistência cresce a força de vontade, a ideia do "tenho de e não tenho de". Mas a percepção, a compreensão, liberta a mente e o coração da resistência, e portanto dessa batalha constante do "tenho de e não tenho de". A mesma coisa se aplica ao caráter. O caráter é somente o poder de resistir às muitas usurpações da sociedade sobre vocês. Quanto mais força de vontade tiverem, maior é a sua autoconsciência, o "eu", porque o "eu" é o resultado do conflito, e a força de vontade nasce da resistência que cria a autoconsciência. Quando nasce a resistência? Quando vocês procuram a aquisição, a obtenção, quando desejam ser bem-sucedidos, quando procuram obter virtude, quando há imitação e medo.

Tudo isso lhes pode parecer absurdo, porque estão aprisionados no conflito da aquisição, e naturalmente dirão "O que pode ser um homem

sem força de vontade, sem conflito, sem resistência?" Eu digo que essa é a única maneira de viver, sem resistência, o que não significa não-resistência; não significa não ter força de vontade, não ter propósito, ser levado de cá para lá. A força de vontade é o resultado dos falsos valores; e quando há compreensão do que é verdade, o conflito desaparece e com ele o desenvolver de resistência a que se chama força de vontade. A força de vontade e o desenvolvimento do caráter, que são como o vidro colorido que perverte a luz límpida, não conseguem libertar o homem; não lhe podem dar compreensão. Pelo contrário, limitarão o homem. Mas uma mente que compreende, uma mente que é flexível, alerta – o que não significa a mente habilidosa de um advogado esperto, um tipo que é tão predominante na Índia, um tipo que é destrutivo –, a mente que é flexível, dizia eu, a mente que não está limitada, que não é possessiva, para uma mente assim não há resistência, porque ela compreende; ela percebe a falsidade da resistência, porque é como a água. A água assume qualquer forma, e continua a ser água. Mas vocês querem ser conformados segundo um padrão específico porque não têm compreensão completa.

Afirmo que quando se realizam, quando atuam completamente, já não procurarão um padrão e já não se esforçarão por se ajustarem a esse padrão, porque na verdadeira compreensão há movimento constante, que é a vida eterna.

Pergunta: O senhor disse ontem que a memória, que é o resíduo de ações acumuladas, origina a ideia de tempo e por isso de progresso. Por favor, desenvolva mais a ideia com especial referência à contribuição do progresso na felicidade humana.

Krishnamurti: Há progresso no campo da ciência mecânica, progresso no que respeita a máquinas, carros, comodidades modernas, e à conquista do espaço. Mas eu não me refiro a essa espécie de progresso, porque o progresso na ciência mecânica tem que ser sempre transitório; nisso jamais pode haver realização para o homem.

Tenho que falar com muita brevidade porque tenho muitas perguntas para responder. Espero que o que digo seja claro; se o não for, continuaremos numa oportunidade posterior. Não pode haver realização para o homem no progresso mecânico. Haverão carros melhores, aviões melhores, máquinas melhores, mas a realização não pode ser alcançada através do processo contínuo da perfeição mecânica – não que eu seja contra as máquinas. Quando falamos de progresso, como o que se aplica ao que nós chamamos o crescimento individual, o que é que queremos dizer? Queremos dizer a aquisição de mais conhecimento, de maior virtude, que não é realização. O que é chamado virtude aqui pode ser considerado um vício noutra sociedade. A sociedade desenvolveu conceitos de bom e mau. Inerentemente não há tal coisa como o bom e o mau. Não pensem em termos de opostos. Têm que pensar profundamente, intrinsecamente. Para mim, através do progresso não pode haver plenitude de ação, porque o progresso implica tempo, e o tempo não conduz à realização. A realização reside somente no presente, não no futuro. O que os impede de viver completamente no presente? O passado, com as suas muitas memórias e obstáculos.

Colocarei as coisas de maneira diferente. Enquanto houver escolha, tem que haver esse pretenso progresso nas coisas essenciais e não-essenciais; mas no momento em que possuírem o essencial, ele já se tornou no não-essencial. E assim continuamos, movendo-nos constantemente do não-essencial para o essencial que, por sua vez, se torna o não-essencial, e a esta substituição chamamos progresso. Mas perfeição é realização, que é a harmonia de mente e do coração na ação. Não pode haver tal harmonia se as suas mentes estiverem aprisionadas por uma crença, por uma memó-

ria, por um preconceito, por uma necessidade. Uma vez que estão aprisionados por essas coisas, têm que se libertar delas. E só podem se tornar livres quando vocês, como indivíduos, tiverem descoberto o seu verdadeiro significado. Isto é, só podem atuar harmoniosamente quando descobrirem o seu verdadeiro significado questionando, duvidando dos seus existentes valores.

Lamento, mas tenho que parar agora de responder a perguntas. Muitas perguntas me foram feitas no que respeita à Sociedade Teosófica, se eu aceitaria a presidência se me fosse oferecida, e qual seria a minha política se fosse eleito; se a Sociedade Teosófica, que se empenha em educar as massas e em elevar o nível ético, deveria ser dissolvida; que política defenderia para a comunidade indo-britânica, etc. Não me proponho a candidatar-me para a presidência da Sociedade Teosófica, porque não pertenço a essa Sociedade. Isso não me interessa – não que me ache superior –, porque não acredito em organizações religiosas, e também não quero orientar um único homem.

Por favor, acreditem em mim, senhores, quando digo que não quero influenciar uma única pessoa; porque o desejo de guiar mostra inerentemente que se tem um fim, uma meta, em direção à qual se pensa que toda a humanidade deve chegar como um rebanho de carneiros. É isto o que implica a orientação. Ora, eu não quero instigar nenhum homem em direção a uma meta ou fim específico; o que quero fazer é ajudá-lo a ser inteligente, e isto é uma coisa totalmente diferente. Portanto, não tenho tempo para responder estas inúmeras questões baseadas em tais ideias.

Uma vez que é bastante tarde, gostaria de fazer um resumo do que tenho dito durante os últimos cinco ou seis dias, e naturalmente tenho que ser paradoxal. A verdade é paradoxal. Espero que aqueles de vocês que inteligentemente acompanharam o que tenho dito compreendam e atuem, mas não façam de mim um padrão para as suas ações. Se o que eu disse não for verdade para vocês, naturalmente esquecê-lo-ão. A menos que te-

nham realmente aprofundado, a menos que tenham ponderado sobre o que eu disse, simplesmente repetirão as minhas frases, decorarão as minhas palavras, e isso não tem qualquer valor.

Para a compreensão, o primeiro requisito é duvidar, duvidar não só com respeito ao que eu disse, mas em primeiro lugar com respeito às ideias que sustêm. Mas fizeram da dúvida um anátema, uma grilheta, um mal a ser banido, a ser posto de lado; fizeram da dúvida uma coisa abominável, uma doença. Mas para mim, a dúvida não é nada disso; a dúvida é um unguento que cura. Mas do que é que geralmente duvidam? Duvidam do que o outro diz. É muito fácil duvidar de alguém. Mas duvidar precisamente daquilo em que estão aprisionados, daquilo a que se atêm, duvidar precisamente daquilo que procuram, isso é mais difícil.

A verdadeira dúvida não admite substituição. Quando duvidam de outro, como quando alguém disse durante uma destas palestras no outro dia, "Nós duvidamos de você", isso mostra que estão duvidando do que estou dando, do que estou tentando explicar. Muito bem. Mas a sua dúvida é apenas a procura de substituição. Vocês dizem "Eu tenho isto, mas não estou satisfeito. Será que aquilo me satisfaz, essa outra coisa que está oferecendo? Para descobrir, tenho que duvidar de você". Mas eu não lhes estou oferecendo nada. Estou dizendo: duvidem da própria coisa que têm entre mãos, que está na sua mente e no seu coração; então já não procurarão substituição. Quando procuram substituição há medo, e por isso um aumento de conflito. Quando têm medo procuram o oposto do medo, que é coragem; tratam de adquirir coragem. Ou, se decidem que são rudes, tratam de adquirir amabilidade, que é uma mera substituição, uma mudança de direção para o oposto. Mas se, em vez de procurarem uma substituição, começarem realmente a inquirir precisamente sobre aquilo em que a sua mente está aprisionada – medo, rudeza, aquisitividade –, então descobrirão a causa. E só podem descobrir a causa duvidando continuamente, questionando com uma atitude de mente crítica e inteligente, que é uma atitude

saudável, mas que foi destruída pela sociedade, pela educação, pelas religiões que os admoestam banindo a dúvida. A dúvida é apenas uma inquirição sobre os valores verdadeiros, e quando tiverem descoberto valores verdadeiros para vocês, a dúvida cessa. Mas, para descobrir, têm que ter espírito crítico, têm que ser francos, honestos. Uma vez que a maior parte das pessoas está à procura de substituição, está apenas aumentando o seu conflito. E a esse aumento de conflito, com o seu desejo de evasão, chamamos progresso, progresso espiritual, porque para nós a substituição ou a fuga é mais aquisição, mais consecução.

Assim, aquilo a que chamam a busca da verdade é apenas a tentativa de encontrar substitutos, a procura de maiores seguranças, refúgios do conflito mais seguros. Quando procuram refúgios estão criando exploradores, e, tendo-os criado, são apanhados nessa máquina de exploração que diz "Não faça isto, não faça aquilo, não duvide, não seja crítico. Siga este ensinamento, porque isto é verdadeiro e aquilo é falso". Portanto, quando estão falando da verdade, estão realmente pretendendo substituição; querem repouso, tranquilidade, paz, fugas seguras, e, nessa necessidade, criam máquinas artificiais e vazias, máquinas intelectuais, para providenciar essa substituição, para satisfazer essa necessidade. Expressei-me com clareza?

Em primeiro lugar, vocês são apanhados no conflito, e porque não podem compreender esse conflito querem o oposto, repouso, paz, que é um conceito intelectual. Nessa necessidade criaram uma máquina intelectual, e essa máquina intelectual é a religião; está totalmente separada dos seus sentimentos, da vida cotidiana, e por isso é apenas uma coisa artificial. Essa máquina intelectual também pode ser a sociedade, criada intelectualmente, uma máquina da qual se tornaram escravos e pela qual são implacavelmente espezinhados. Vocês criaram essas máquinas porque estão em conflito, porque através do medo e da ansiedade são levados ao oposto desse conflito, porque procuram repouso, tranquilidade. O desejo pelo

oposto cria o medo, e desse medo surge a imitação. Assim, inventam conceitos intelectuais, tais como as religiões, com as suas crenças e padrões, a sua autoridade e disciplinas, os seus gurus e Mestres, para que os conduzam àquilo que querem, que é conforto, segurança, tranquilidade, fuga desse conflito constante. Criaram essa vasta máquina a que chamam religião, essa máquina intelectual que não tem validade, e também criaram a máquina que se chama sociedade, porque tanto na sua vida social como na religiosa querem conforto, refúgio. Na sua vida social são dominados pelas tradições, hábitos, valores inquestionáveis; a opinião pública atua como a sua autoridade; e a opinião que não é posta em dúvida, o hábito, e a tradição conduzem eventualmente ao nacionalismo e à guerra. Falam de procurar a verdade, mas a sua procura é apenas uma procura de substituição, o desejo de maior segurança e maior certeza. Por isso, a sua procura está destruindo isso que procuram, que é paz, não a paz da estagnação, mas a paz da compreensão, da vida, do êxtase. Isso precisamente é-lhes negado porque procuram algo que os ajude a fugir.

Assim, para mim, todo o propósito – se é que posso usar essa palavra sem que me interpretem mal – reside em destruir essa falsa máquina intelectual por meio da inteligência, isto é, da verdadeira consciência. Vocês podem compreender, ponham de parte a tradição, que se tornou um obstáculo; vocês podem compreender, ponham de parte Mestres, ideias, crenças. Mas não as destruam apenas para se dedicarem a novos Mestres, ideias, crenças; não me refiro a isso. Não devem apenas destruir, apenas pôr de lado; têm de ser criativos; e só podem ser criativos quando começarem a compreender os verdadeiros valores. Portanto, questionem o significado das tradições e dos hábitos, da nacionalidade, da disciplina, dos gurus e dos Mestres. Só podem compreender quando estão plenamente conscientes, conscientes com todo o seu ser.

Quando dizem "Estou à procura de Deus", no fundo querem dizer "Quero fugir, libertar-me". Quando dizem "Estou à procura da verdade, e

uma organização poderá ajudar-me a encontrá-la”, estão apenas procurando um refúgio. Não estou sendo duro; somente quero enfatizar e tornar claro o que estou dizendo. Cabe a vocês atuar. Criamos obstáculos artificiais. Não são obstáculos reais, fundamentais; são artificiais. Criamo-los porque estamos à procura de algo, recompensas, seguranças, conforto, paz. Para obter segurança, para nos ajudar a evitar conflitos, temos que ter muitas ajudas, muitos apoios. E essas ajudas, esses apoios, são a autodisciplina, os gurus, as crenças. Aprofundei isto mais ou menos amplamente. Agora, quando eu estiver falando sobre estas coisas, por favor não pensem em termos de opostos, porque, então, não compreenderão. Quando eu digo que a autodisciplina é um obstáculo, não pensem que por isso não têm que ter nenhuma disciplina. Quero mostrar-lhes a causa da autodisciplina. Quando a compreenderem, não haverá nem esta disciplina autoimposta nem o seu oposto, mas haverá verdadeira inteligência. Para nos apercebermos daquilo que queremos – o que é fundamentalmente falso, porque se baseia na ideia do oposto como substituição – criamos meios artificiais, tais como a autodisciplina, a crença, a orientação. Sem tal crença, sem tal autoridade, que é um obstáculo, sentimo-nos perdidos; tornamo-nos assim escravos e somos explorados. Um homem que vive pela crença não está vivendo verdadeiramente; é limitado nas suas ações. Mas o homem que, porque compreende, está realmente livre da crença e da carga do conhecimento, para ele há êxtase, para ele há verdade. Tenham cuidado com o homem que diz “Eu sei”, porque ele só pode conhecer o estático, o limitado, jamais o vivo, o infinito. O homem só pode dizer “Há”, o que nada tem a ver com o conhecimento. A verdade está sempre a devir; é imortal; é vida eterna. Temos esses obstáculos, esses obstáculos artificiais, baseados na imitação, na aquisitividade, que geram o nacionalismo, a autodisciplina, os gurus, os Mestres, os ideais, as crenças. A maior parte de nós está escravizada por um deles, consciente ou inconscientemente.

Agora, por favor, acompanhem isto, caso contrário dirão “Está apenas

destruindo e não nos dando quaisquer ideias construtivas". Nós criamos esses obstáculos; e só podemos nos libertar deles tornando-nos conscientes deles, não através do processo da disciplina; não pela substituição, não pelo controle, não pelo esquecimento, não através de seguir alguém, mas apenas tornando-nos conscientes de que são venenos. Sabem, quando veem uma cobra venenosa no seu quarto, estão totalmente consciente dela em todo o seu ser. Mas essas coisas, disciplinas, crenças, substituições, vocês não as consideram como venenos. Elas tornaram-se simples hábitos, algumas vezes agradáveis e algumas vezes dolorosos, e vocês aguentam-nos desde que o prazer pese mais que a dor. Continuam desse modo até que a dor os inunde. Quando têm uma intensa dor física, o seu único pensamento é livrarem-se dela. Não pensam no passado nem no futuro, na saúde passada, no tempo em que já não terão qualquer dor. Estão apenas interessados em livrar-se da dor. Do mesmo modo têm que se tornar plena e intensamente conscientes de todos esses obstáculos, e só o podem fazer quando estão em conflito, quando já não estão fugindo, quando já não estão escolhendo substituições. Toda a escolha é meramente substituição. Se se tornarem plenamente conscientes de um obstáculo, seja ele um guru, uma memória, ou a consciência de classes, essa consciência revelará o criador de todos os obstáculos, o criador das ilusões, que é a autoconsciência, o ego. Quando a mente desperta inteligentemente para esse criador, que é a autoconsciência, então nessa consciência o criador das ilusões dissolve-se. Tentem-no e verão o que acontece. Não estou dizendo que isto seja um incentivo para tentarem. Não tentem com o propósito de se tornarem felizes. Só o tentarão se estiverem em conflito. Mas como a maior parte de vocês tem muitos refúgios em que se reconfortam, cessaram completamente de estar em conflito. Têm explicações para todos os conflitos – tanta poeira e cinzas – e essas explicações apaziguaram o seu conflito.

Talvez haja um ou dois dentre vocês que não se satisfaçam com explicações, que não se satisfaçam com cinzas, seja com as cinzas mortas de

ontem, ou com as cinzas futuras das crenças, da esperança. Se estiverem realmente aprisionados no conflito, descobrirão o êxtase da vida, mas tem que haver consciência inteligente. Isto é, se eu lhes disser que a autodisciplina é um obstáculo, não rejeitem ou aceitem imediatamente a minha declaração. Descubram se a sua mente está aprisionada na imitação, se a sua autodisciplina se baseia na memória que é uma fuga do presente. Vocês dizem "Não devo fazer isto" e dessa proibição autoimposta cresce a limitação; portanto, a autodisciplina baseia-se na imitação, no medo. Onde há imitação não pode haver a realização da inteligência. Descubram se são imitativos; experimentem. E só podem experimentar na própria ação. Estas não são meras palavras; se refletirem sobre isso, verão. Não podem compreender depois de a ação ter tido lugar, o que seria autoanálise, mas apenas no momento da própria ação. Só podem estar completamente conscientes na ação. Não digam "Não devo ter consciência de classes", mas tornem-se conscientes para descobrir se têm preconceito de classes. Essa descoberta na ação criará conflito, e esse mesmo conflito libertará a mente da consciência de classes, sem que vocês tentem superá-la. Portanto, a própria ação destrói as ilusões, não a disciplina autoimposta.

Gostaria que refletissem sobre isto e agissem; veriam então o que tudo isto significa. Abre imensas avenidas para a mente a para o coração, para que o homem possa viver em plenitude sem procurar uma finalidade, um resultado; o homem pode agir sem um motivo. Mas só podem viver completamente quando tiverem percepção direta, e a percepção direta não se alcança através da escolha, através do esforço nascido da memória. Ela reside na chama da consciência, que é a harmonia de mente e coração na ação. Quando a sua mente estiver liberta das religiões, dos gurus, dos sistemas, da aquisitividade, só então pode haver completude de ação, só então é que a mente e o coração seguem as velozes deambulações da verdade.